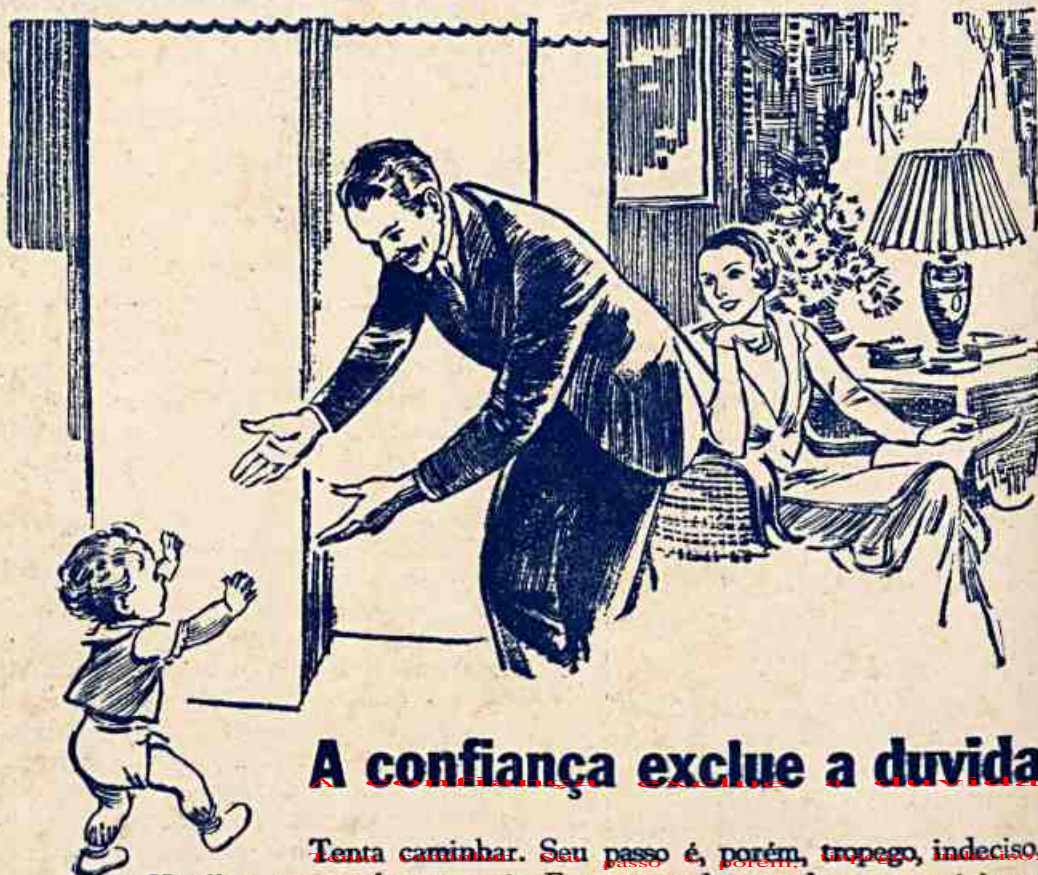
ANNO XXVI — N.º 42
Rio, 15 de Outubro de 1932
— PREÇO: 1$000

A confiança exclue a duvida

Tenta caminhar. Seu passo é, porém, tropego, indeciso. Vacilla, procurando um apoio. E, ao vêr os braços abertos, precipita-se para elles, com toda a confiança.

Eis o que se passa comnosco ao necessitarmos de um auxilio contra a dôr: buscamos instinctivamente

o remedio de confiança

que, não sómente allivia a dôr de cabeça, dentes, ouvidos; enxaqueca, nevralgia; colicas das senhoras; resfriados, etc., como tambem devolve a energia e é de todos inoffensiva.

CAFIASPIRINA

o remedio de confiança

O conto brasileiro

O BEBADO

Por Gilberto Veiga

AQUELLE homem triste, de aspecto miseravel, cambaleando ás tontas como um barco sem leme vergastado pelo furor das ondas em rebeldia; aquelle homem que mendiga de porta em porta um nickel para o alcool, regeitando as migalhas que lhe dão para matar a fome; aquelle homem, sombra de homem, farrapo de sêr racional, tem uma historia como todos os homens. Mas, a sua historia é rispida, é má como o dente de uma vibora. Nem o cardo sugando a fenda de uma rocha, nem o leito de um rio descoberto pela inclemencia do sol! têm mais desencanto do que elle tem na alma. Sua vida amarga e dolorosa tem a semelhança da do môcho agoureiro. Para elle nada existe de bom alem de um copo cheio, transbordante de narcotico liquido e crystalino: alcool. Tem, a julgar pela apparencia, pelos cabellos brancos que lhe prateiam a cabeça vergada e em desalinho, quarenta e cinco ou cincoenta annos. Na realidade, porem, pesam-lhe sobre os hombros, apenas trinta e dois. Chamara-se, outrora, no tempo em que tivéra nome, Cesar Gaspar. Hoje, ninguem sabe como se chama. Ninguem se preoccupa com a sua miseria, nem tão pouco com a sua vida. E' o bebado. Apenas isso. As crianças lhe fogem espavoridas. As mulheres o temem. Si, accaso, alguem lhe atira uma esmola no chapéo nodoso e esburacado, recolhe-a sem uma reverencia, sem a mais subtil demonstração de reconhecimento, e, arrastando-se como uma lêsma, vae á primeira taberna mitigar a sua sêde inestinguivel, féra e tortuosa. A sêde de esquecimento que elle, impotente, busca matar ha longos annos. As recordações do passado, essas recordações que o fizeram desgraçado e morbido, estão gravadas no seu cerebro e no seu coração como a jaca no diamante, como a ferrugem no aço abandonado. Não ha força humana, não ha vertigem, não ha borborinho, não ha mulher que o faça olvidal-as. Só a morte, a morte que elle anseia com volupia, com o seu aguilhão destruidor lhe arrancará com a miseria da vida a poeira da tortura que lhe ennodôa, que lhe cobre as cellulas do pensamento. Aguilhoado á sua existencia ida para todo o sempre, soffre. E como sabe irremediavel o seu soffrer, cala. Perdeu a noção do tempo, do gemido e das lagrimas. Renega o cantar dos passaros e vê no azul do céu o vermelhão do inferno. Mastiga blasphemias contra Deus e vomita escarneos contra a Natureza. E' a personificação da desgraça humana. Um bipede pensante que o Destino transformou numa sombra, num andrajo, num trapo, num verme.

* * *

Cesar Gaspar era só. Perdêra, ainda no verdor dos annos, todos os parentes e amigos. E, como uma palmeira intrepida e teimosa, erguia-se triste em meio do deserto da vida... Quando, annos mais tarde, sentiu desabrochar dentro do peito a grande flôr escarlate dos vinte e dois janeiros, amou. E esse amor veiu encher todo o vacuo do seu coração, supprindo a falta dos entes que tinham o sangue igual ao seu. Sentiu o espirito espalmar as azas diaphanas e voar, ventura a dentro, amplo e lindo. Dominou-o por completo a felicidade immensuravel e doce. Nize, a deusa dos seus sonhos-côr-de-rosa, tambem o amava. Loucamente. Apaixonadamente. E, casados, confundindo as almas e os pensamentos, transformaram a ventura linda num jardim maravilhoso. As rosas da alegria perfumaram o ambiente interior. As dhalias da puréza sentiram no caule o orvalho do carinho. Os cravos rubros da exaltação amorosa rebentaram, de canteiro em canteiro, fortes e vigorosos. Um dia, um lyrio irrompeu cheio de viço e frescor, um lyrio maior e mais perfumado que todas as outras flores, nesse immenso e variegado jardim de amor: um filho.

Os jardineiros amorosos desdobraram-se em cuidados, em solicitudes, em catadupas de ternura, regando com o orvalho do seu carinho a vida que surgiu da vida. Alentava-o com beijos. Animava-o com a sua força.

Certa manhã funesta, o lyrio magestoso e bello emmurcheceu. Um insecto de grandes azas negras e concavas sugou a seiva bôa que lhe fazia abrir ao sol e ás estrellas as cinco pontas de neve do seu calice, ludibriando a vigilancia dos jardineiros solicitos. Elle, porém, o insecto mau, não parou ahi. Continuou a sua ronda funebre. Continuou a chupar as corollas doiradas. Gaspar estava fadado a supplicios tremendos e inevitaveis:

(Continúa na pag. seguinte)

O BEBADO -:- (Continuação)

Nize, a sua Nize bôa, perdeu com o desapparecimento da sua bella flôr de carne, do seu anjinho louro, as faculdades mentaes. E, interna num manicomio, morta dentro da vida, fechada dentro de si mesma, isolada do mundo pela noite da loucura, gritou sem cessar pelo seu lyrio branco, até que a serpente do esgotamento lhe picou o coração embrutecido.

Gaspar sentiu-se novamente só. Só como nunca e mais, muito mais triste. Um desgosto acerbo avassalou-o todo. Pensou, tambem, endoidecer de dôr. Assistiu, olhos em pranto, coração em torturas, ao desmoronamento dos seus sonhos, dos seus amores, um por um, como petalas de rosa murcha, fanada. Supplicou aos ceus a misericordia do seu divino auxilio, e os ceus zombaram do seu desespero. Por fim, silenciou. Premiu no peito estrangulado a dôr que lhe comeu a carne e deixou que a descrença em Deus, — o ultimo balsamo que lhe restava, — lhe invadisse corpo e alma. Divagou, dias e noites, idiotizado, ao longo das praias, no silencio dos bosques, olhando a lua ou a negrura do firmamento, vendo naquella a sua mulher transformada numa fonte de caricias e neste os seus cabellos pretos como a aza da graúna. Beijava os raios de sol que lhe mordiam a mão descarnada, como si elles fossem a penugem doirada que orlava a cabecinha innocente do filhinho morto. Mal comia. Mal dormia. O anniquilamento que ia por fóra, começou a sua devastação por dentro: microbios vorazes faziam do seu physico combalido um festim opiparo. Era muito grande a dôr. Queria ao menos, minorál-a. E bebeu. Bebeu para esquecer. A bebida, porém, não lhe matou as recordações dolorosas. Envolveu-as, apenas, confundindo-as com os seus vapores, augmentando ainda mais a sua desgraça. O alcool fazia-lhe ver, nos dois entes do seu amor, figuras cambiantes de soffri-

O ERRO DE UM INSTANTE

CECILIA BENERAT extendeu os braços. Rosa Ferron precipitou-se para os braços de sua amiga Cecilia:

— Cecilia! Minha querida Cecilia!...

— Oh, Rosa! Por que não vieste ver-me antes? Ha tantos dias que te espero!... Desde que me succedeu aquillo...

— Pensei que preferias estar só. Temia incommodar-te...

— Incommodar-te, tu?

— Mas conta-me, conta-me o que te succedeu!

— Tu o sabes muito bem, querida...

— Sei unicamente o que dizias nas duas linhas de tua carta: que teu marido tinha uma amante, que lhe arrancaste essa confissão em uma scena horrivel, e que Frederico partiu. Mas não é possivel que vocês se separem, Cecilia. Deves pedir-lhe que volte! Deves perdoar-lhe...

As duas mulheres sentaram-se em um canapé da sala, e conservavam-se unidas. Cecilia, erguida, mas com expressão dolorosa. A amiga, inclinada para ella, em attitude de ternura e de supplica.

Cecilia respondeu então:

— Perdoar? Que lucraria com isso? Si Frederico me trahiu, é porque já não me ama. Não podemos suffocar os sentimentos de outros corações.

— E tu sabes — inquiriu Rosa, com certa ansiedade na voz — quem é... a mulher que...?

— Não.

— Frederico não to disse?

— ¡Não lho perguntei! Eu havia recebido uma carta anonyma. Mostrei-a a meu marido, esperando delle um protesto indignado. Mas uma negativa rotunda... Frederico perturbou-se... Suppoz, certamente, que eu sabia muito mais... E confessou immediatamente sua traição. Estava muito agitado. Falava com phrases entrecortadas: "Não é nada grave — dizia-me. — Deixei-me arrastar, por um momento, mas tudo terminou. Confesso-me culpado. No emtanto, tú saberás perdoar-me. E será melhor que não nos vejamos até que te acalmes. Parto para Rouen, para a casa de meus paes. Escrever-te-ei." E partiu. Que devo pensar, Rosa? Frederico não terá ido ao encontro dessa mulher ? Suas palavras não encerravam uma hypocrisia para despistar-me?

— Não, não, querida! Não de-

(Conclusão) -:- O BEBADO

...mentos inauditos. Via, quando estava no auge da embriaguez, envôlto numa aureola de luz confusa, vaga, o pequenino caixão enfeitado, onde o seu lyrio murcho se fazia acompanhar de outras flores viçosas. Via, toda amor, toda bondade, a sua mulher a cercál-o de bem-estar e a censurál-o com brandura pelo vicio que adquirira. Depois, ella surgia na semi-escuridão do seu cerebro meio entorpecido, tal qual como dantes, através das grades do manicomio, desgrenhada e feia, espumando como um cão hydrophobo, os olhos injectados a lhe saltarem das orbitas, desconhecendo-o. Na bôcca contorcida por esgares tremendos apenas, duas breves e sublimes palavras nos labios de uma mãe, mesmo doida: *Meu filho!* E elle, dominado pelo terror, fechava os olhos, arrancava os cabellos, cerrava os punhos, monologava sons inarticulados, e bebia mais. Pouco lhe falta para morrer. A tuberculose implacavel vae comendo-o de vagar. Ainda ha fel na taça do soffrimento. E, emquanto elle não estravasál-a inteiramente, o grande insecto de azas negras e concavas, o mesmo insecto mau que sugou o sangue dos dois fracos sêres da sua vida, o grande vampiro da existencia não o visitará. Traz á fronte todos os estigmas da estupidez e da incoherencia, e ainda o anima uma tibia luz de vida, um sopro de existencia.

Nas sargetas da dôr ainda existe lama para o seu repasto. E elle não poderá morrer sem ingerir até o fim essa lama que o destino lhe reservou. E, emquanto espera a visita desse monstro inimigo de tudo que palpita, esse monstro macabro que elle anseia e que é a sua unica esperança, bebe e rouqueja, rua em fóra, indifferente a tudo e a si proprio, apavorando as crianças e infundindo mêdo ás mulheres.

E' o bebado. Apenas isso.

De Pierre Valdagne

...ves pensar isso. Frederico de certo está em Rouen. Eu te aconselharia que lhe escrevesses, pedindo-lhe que volte.

Cecilia apoiou a mão no hombro de Rosa:

— Escuta. Sei que me queres bem. Deves, pois, dizer-me tudo. Tu estás informada do que succedeu. Desde que perdeste teu esposo, vives muito ligada a nós. O que eu não notava (nesses assumptos os interessados são sempre os ultimos a informar-se) não poude escapar a ti.

— Cecilia! — protestou Rosa. — Asseguro-te que...

— Comprehendo que não hajas querido prevenir-me. Mas agora é preciso que me digas quanto sabes.

— Não sei nada, Cecilia. Teu marido disse a verdade: tratava-se de um enthusiasmo passageiro, sem consequencias, sem gravidade. Esquece, querida! Esquece! E não mais te lembres disso.

Mas Cecilia insistia:

— Dize-me: achas que essa mulher era uma de nossas amigas?

Rosa sacudiu a cabeça:

— Conheço todas as tuas amigas. Creio que nenhuma dellas póde ser a amante de Frederico.

— Trata-se, então de uma mulher a quem não conheço?

— Sem duvida. Uma mulher estranha a teu meio social... Uma..., como direi?..., uma transeúnte que se enamorou por um momento de teu marido.

— Não respondes directamente ás minhas perguntas, Rosa. Baixas a vista... Porventura... sabes quem é essa mulher?

— Asseguro-te que...

— Frederico era muito teu camarada. Deve ter-te feito algumas confidencias. Por que não me falas com mais franqueza? Si essa mulher é realmente uma ave de arribação, não me inquietarei tanto pelas consequencias dessa traição.

Houve um momento de silencio. Depois, bruscamente, Rosa levantou a cabeça e, com voz decidida, exclamou:

— Pois bem: tens razão. E' melhor que te diga tudo. Eu estava informada. Frederico começou a intrigar-me por certos detalhes de sua conducta. Propoz-me um dia fazêl-o falar. E teu marido confessou.

— Que te disse elle?

(Continúa na pag. seguinte)

O ERRO DE UM INSTANTE (continuação)

— Immediatamente comprehendi a verdade. E em que consiste essa verdade? Em uma insignificancia?... Foi um simples capricho... Agora tudo acabou entre elles...

— E a mulher?... Conheces essa mulher?...

— Não. Mas affirmo-te: é uma mulher de outra esphera social...

— Nunca a viste?

Rosa vacillou:

— Uma vez.

— Então... a conheces!

— Explicar-te-ei, Cecilia...

Rosa falava com maior rapidez, com maior nervosismo:

— Encontrava-me uma tarde tomando o chá no Rivoli. Teu marido entrou com uma mulher. Viu-se obrigado a cumprimentar-me. E apresentou-me aquella mulher de uma fórma vaga: "Uma amiga". Depois, foi sentar-se com ella um pouco mais longe. Pude, assim, contemplál-a...

— Era bonita?

— Nada disso! Uma mulher vulgar... Por isso me atrevi a dirigir algumas pilherias, mais tarde, a Frederico. Mas... rogo-te que não faças essa cara de soffrimento, Cecilia... Repito-te que foi uma aventura fugace, uma aventura passageira... Não te tortures assim... Teu marido te ama. Posso affirmar-to, porque o sei muito bem. Elle proprio m'o disse... Fácil me foi, quando ouvi de seus labios a narrativa dessa aventura, comprehender que te amava apaixonadamente. Para Frederico, só existe uma mulher no mundo: tú... A outra foi lograda pensando despertar em Frederico um amor profundo!... Além disso, não me pareceu uma mulher ruim. E estou inteiramente certa de que, si suspeitou que podia fazer-te soffrer muito, preferiu afastar-se...

— Que podia importar meu soffrimento a essa mulher, si ella não me conhece?

— Conhece-te, sim... Conhece-te pelo que Frederico disse de ti. Que lhe disse? Isto: "Perdemos a cabeça em um momento de loucura. Mas eu amo minha mulher. E por nada do mundo quizéra angustiál-a."

— Frederico disse isso?

— Disse, sim. E accrescentou: "Você tambem não deve desejar que Cecilia soffra. Cecilia não o merece. E' preferivel que digamos adeus..."

Cecilia olhava Rosa emquanto a amiga pronunciava essas palavras febris.

— E que respondeu aquella mulher?

— Que respondeu? Comprehendeu que Frederico tinha razão e que um instante de loucura não

Não estraga as roupas porque é inoffensivo e o unico aconselhado para os fins a que se destina, pelas maiores autoridades medicas entre as quaes os senhores doutores:

Miguel Couto
Aloysio de Castro
Antonio Austregesilo
Fernando Terra
WerneckMachado

Maravilhoso preparado pharmaceutico que, sem prejudicar a saúde, seoca o suor das axilas, tira o seu natural máo cheiro, supprime o uso dos antigos suadores, evita que os vestidos, ternos e roupas finas se estraguem e rasguem com o suor. Ninguém mais apparece fazendo a impressão de não ser pessôa asseiada. MAGIC é economico: um vidro dura seis mezes. — Vende-se nas pharmacias e perfumarias. — Pedidos e prospectos, a Araújo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives n. 88 — Rio. Preço 7$000, pelo correio mais 2$000.

O ERRO DE UM INSTANTE (conclusão)

valia uma lagrima da esposa amantissima. Prometteu esquecer, e não insistir... Bem vês, Cecilia... Pódes ficar tranquilla. Juraram que não te faziam soffrer... Nada deves temer, no futuro. Chama Frederico. Pede-lhe que volte...

Cecilia pousou seus olhos nos olhos de Rosa. E só teve animo de murmurar:

— Essa mulher... és tu.

E então Rosa se abraçou impulsiva a Cecilia que apenas a repelliu com um gesto fraco.

— Cecilia! Minha querida Cecilia! — soluçou a amiga. — Tenho vergonha de mim mesma... Mas te juro: Frederico e eu não nos amamos... Cedemos a uma loucura. No emtanto soubemos reagir... Frederico ama-te. Acredita-me: elle te ama... Está arrependido do que fez. E soffre, soffre horrivelmente... Duvidas?... Foi por isso que demorei tanto em vir ver-te... Não sabia o que fazer. Tinha vontade de confessar-te tudo...

Cecilia, com voz pausada, falou:

— Que pensas fazer, Rosa?

— Partir. Não temas. Irei á Grecia. Meu tio é consul em Athenas... Nunca mais ouvirás falar de mim...

— Vae — disse Cecilia, docemente. — Vae. Parte...

— Mas, jura-me que escreverás a Frederico! Jura-me que te propões ser de novo feliz a seu lado! Eu não poderia viver, pensando que, por isso... por isto... perdeste tua felicidade!... Meu Deus! Eu, ser culpada da infelicidade de você... Não!

Com a voz trémula, Cecilia murmurou:

— Fizeste bem em dizer-me toda a verdade. Obrigada, Rosa. Sabes que eu tambem te quiz muito...

As duas mulheres choraram em silencio.

— Dize-me adeus, Cecilia... Não?... Não me dizes adeus?...

— Sim. Rosa... Adeus... E quem sabe si, algum dia, quando houver transcorrido muito tempo...

— Não, Cecilia!... Não imagines o impossivel!... Adeus... adeus..., mas para sempre.

E, com a cabeça inclinada, o busto para a frente, como que torturada por um peso horrivel, Rosa fugiu deante dos olhos velados de Cecilia...

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, que se encontram á venda na *Empresa Fon-Fon* e *Selecta S. A.* á Rua Republica do Perú, 62 (Antiga da Assembléa) — Rio.

MUCIO CARIAS (E. Santo) — Aqui está a carta que o sr. nos escreveu, e na qual faz uma reclamação, quanto á critica que o seu soneto soffreu.

O que notei no seu trabalho, não foi somente a palavra *rudo*. O seu soneto foi considerado mau pelos muitos defeitos que possue. O sr. apegou-se apenas ao caso do vocabulo em apreço. Bôa desculpa !

Quanto ao juizo literario que forma a meu respeito, esse não nos interessa, uma vez que não lh'o pedimos.

E está morta a questão.

LAPAGETTE (Capital) — Entreguei o seu trabalho ao secretario. Elle sairá na primeira opportunidade.

Ha muito tempo, estou para lhe agradecer a critica justa e sensata que fez do meu romance "Uma garçonne carioca". O sr., com a sua alta visão e a sua mentalidade de escol, soube apprehender bem as intenções do meu livro, ou antes, a minha finalidade moralistica.

Obrigado.

DRADEAN (R. Grande do Sul) — E' muito interessante a sua carta. Modestamente, o sr. me faz uma consulta que depende mais de um ponto de vista pessoal do que geral.

O amor ! Emfim, leiamos a sua missiva:

"Yves. Em primeiro lugar um abraço pelo successo de "Uma garçonne carioca". Teu livro, Yves, fez-me entrar para o rol de teus immensos admiradores, motivo pelo qual tomo a liberdade de felicitar-te.

Yves, ha dias achando-me numa roda de amigos, entre outros assumptos, entrou em baila o Amor. Uns achavam graça de eu ter dito que "era materialista, e que ao mesmo tempo alimentava um grande amor espiritual". Achas que isso é possivel ? Gostaria que me respondesses, si é admissivel ou não.

Sem outro motivo, aguardo tua resposta, e mando o abraço que refiro-me acima, sou teu amigo e admirador

Dradean"

Meu caro. Creio que o sr. é quem está com a razão. A bem dizer, não ha amor sem espiritualidade. São tantos os casos que nos podem levar a esse raciocinio...

Uma mulher de espirito, a famosa Ninon de Lenclos, disse, certa vez: "Anatomiser l'amour, c'est vouloir s'en guérir. Psyché le perdit pour avoir voulu le connaitre". Mas uma prova de que

nos inquieta e nos leva a procurar conhecel-o. O mal vem de longe.

No fundo, todo homem é material, amigo dos prazeres inferiores e das realidades flagrantes. Mas não creio que se possa amar, verdadeiramente, sem soffrer uma transfiguração.

O unico amor capaz de resistir a todos os embates é o espiritual. Este não se corrompe, não se macula, não se subverte. Porque, é preciso notar, a corrupção de um affecto não é sujeital-o á sua finalidade material. Elle nada tem com os preconceitos e convenções sociaes. Mas, si materialista é o homem que, amando com pureza, busca integrar o seu amor na funcção biologica a que elle se destina, esse homem será apenas humano, escravo das leis naturaes a que está sujeita a materia.

As palavras ahi têm um valor relativo.

Por outro lado, prova-se ainda que, no amor, quasi tudo, ou mesmo tudo, é espiritualidade, alma e coração, demonstrando que, ás vezes, basta uma expressão descortez, uma palavra mais rude, um gesto depreciativo para ferir a sensibilidade, e que, no caso, — quando se ama — é amor, só amor, puramente amor.

Rompe-se por qualquer nada — mesmo quando physicamente nada mais se tem a desejar.

Entretanto, eu sou da opinião de que foi La Rochefoucauld quem melhor definiu o amor nesta synthese admiravel: "E' difficil definir o amor. Tudo quanto se póde dizer a respeito, é que, na alma, elle é uma paixão que reina; nos espiritos, é uma sympathia. Nos corpos, não é mais do que um desejo secreto e delicado de possuir aquillo que se ama, depois de longos e impressionantes mysterios".

Quanto ao meu romance "Uma garçonne carioca", obrigado.

VASCO DA GAMA (Minas) — A sua carta é menos para mim do que para os leitores do "Saibam todos..."

E' uma digressão philosophica, uma mancheia de conceitos, de maximas, salpicadas do bom sal de (Macau ?) da erudição literaria, a par do desejo de se impor á minha admiração.

Muito bem, illustre confrade mineiro. O sr. terá a minha sympathia e a minha admiração. A prova é que dou aqui a sua carta, em homenagem ás leitoras bonitas desta pagina.

Eis a sua missiva:

"Yves. Li no ultimo numero de "Fon-Fon", editado a 24 do corrente, a resposta que você deu a um cearense, um meu irmão de "desventuras intellectuaes", e que valeu desde a primeira linha por uma integral lição de ethica artistica.

A mim aconteceu, tambem, incidir nas mesmas faltas, e como a carapuça ironicamente talhada se me ajusta, apresso-me, antes mesmo de conhecer o commentario sobre o "insulto litterario" que lhe mandei, alinhado numa lauda plebéa e que já deve ser "mais um cadaver no sector da cesta", apresso-me, repito, em vir pôr aqui em resalvo a minha intenção, infelizmente ingenua, "pour cause" despresivel. O arrependimento é, portanto, a côr forte dessa carta de timida antecipação.

Nós, illustre redactor, apprendemos, descuidosamente, com a sabedoria falsificada dos proverbios, que o habito não faz o monge. Você, mais moderno e precavido, descobre que se não [illegible] pelo menos dálhe recordações [illegible] E, por isso mesmo, exige dos seus consulentes, bohemios sem maldade e sem risonha pecunia na maioria, a decencia material do papel em que vasam, bem ou mal, um estudo dalma, essa intencionalmente abstracta e evadida das exterioridades... Nem todos, como vê, podem ir alem de uma folha, como essa, modesta e chã. De ahi, o castigo de as faltas que suggere e, dentro deste, o perdão [illegible]

Mas, Yves — aqui me falta autoridade para pluralizar — quando eu permitti consultar-lhe, um prazer extranho, visinho do [illegible]lismo, me animava. Certo de que você me succederia comprehender, bastando que a certeza nem sempre é ev[illegible] é preciso o real, ás vezes, eu visava tambem, como talvez todos os trovadores noviços, de inquietude complexa, adquirir sua [illegible]dagem ou então, ante-carpas para as emoções...

E esses (você da amizade alheia já vae sendo um "blasé") você entre irrisões e cutiladas amaveis, os distribue "larga manu" por [illegible] De pose dos ante-corpos, eu poderia sem platonisar, passar pela vida, tal como um néo-zarathustra, insensivel e superior ás [illegible]

citações incommodas da alma... E, é o que importa mais, ser um a menos entre os que tomam o tempo e a paciencia dos poetas...

Ainda na posição ridicula do mahometano que mira humilde (santa humildade !) a frisa do minarete onde o preposto de Ae recolhe a penitencia dos fieis, aproveito-me para lhe pedir perdão por ter feito de você um producto de vaccina, em extranho immunizador... Mas, pode estar certo, que si o immune traz comsigo os acirrados inimigos do immunizante, tanto que o inutiliza, aqui eu me conservo sempre seu amigo e com á admiração engrandecida. Digo isso para, já sendo o outro Zarathrusta (tão novo que abre excepção para deixar á alma a capacidade de admirar...) destruir o conceito de psychologia que a sabedoria anachronica quiz por nessas palavras: "Todos aquelles que Hercules outrora veio salvar, com grande alarido e grande farofia, ficaram detestando Hercules".

Sempre grato, etc.

LENITA (Capital) — Hum ! A sua carta desconcerta. Ao lel-a, não se sabe si V. Ex. atravessa uma crise forte de nervos ou si está com a sua linda cabeça, um pouco desarticulada.

Diz V. Ex. :

"Yves. Começo por lhe dizer que antipatizo enormemente comsigo; o seu módo de julgar as mulheres, irrita-me.

Com que então você, psicólogo consumado... ainda não advinhou que a Mulher é um verdadeiro enigma, que nunca diz, nem faz, o que pensa ? Tem um exemplo: acima, digo-lhe que o detesto; então, porquê lhe escrevo ? Fiz-me essa mesma pergunta e não lhe soube responder. Talvez o sentimento que você diria inato na mulher, da curiosidade, talvez o desejo, muito cristão de não odiar meu proximo. Emfim, não sei. E, contudo, é bem verdade estar eu sentada á minha escrevaninha, escrevendo ao tão detestado Yves. Como me responderá. Estou advinhando a critica atroz e o pouco caso que me serão dispensados. O que lhe peço é que não jogue a carta na cesta. Você perderia o seu tempo e não adiantaria nada não desanimo facilmente, e, de qualquer modo, com este ou outro pseudonimo, haveria de fazer com que me respondesse.

Tenho aqui o "Fon-Fon" do dia 10. Li o seu conto: "Cabaret". No que você escreve nota-se um pessimismo enorme. Depois que se lê qualquer coisa sua, fica-se triste, com uma sensação agridoce, como se se esperasse melhor. E como é bom, então, saber-

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

se que, apezar das dôres, (moral-is) a Vida não é tão má como você a pinta !

O amor, Yves, nem sempre é volupia, como você o crê ou finge crêr; esse sentimento que chama de amor, não passa de paixão e, portanto, loucura. Mas o verdadeiro amor é o que consiste em ser-se feliz fazendo-se outrem feliz. "Encontrar a felicidade na felicidade alheia" — diz esse mesmo Leibnitz de que fala o "Fon-Fon" na "Caixa de Surprezas".

O verdadeiro amor é a fuzão de duas almas. Si você tivesse amado sendo correspondido, não seria tão pessimista. Só quando se ama é que se comprehende o que de maravilhas encerra a Vida !

Eu ainda não amei. Mas tambem quando amar, saberei, dar-me toda de corpo e alma, ao homem querido. Não creio no "coup de fondre" dos romances de Chauteplure e Delly, pois acho impossivel gostar-se dum homem que se vê pela primeira vez, sem nem siquer saber qual o seu caracter e modo de pensar (não o seu dinheiro — como você diria).

A mulher é ou não expuisita ? Apezar de não gostar de si, Yves, disse-lhe coisas que a grandes e intimos amigos nunca recebi. Mas ha dias em que sentimos necessidade de desvendar um pouco do que existe, de complexo, na nossa alma. E, como você não me conhece, eu digo-lhe tudo isto, pois que você poderá rir-se das minhas teorias, mas não de mim mesma.

Não quero que me inclua no numero dos que soffrem do mal brasileiro — a pletora — e acabo, assinando-me uma irreverente inimiga.

Lenita"

Como V. Ex. declara que "a mulher nunca diz, nem faz o que pensa", eu fico a julgar que V. Ex. não pensou no que fez — ao dirigir-me a sua missiva. E, certamente, não foi nada verdadeira, quando escreveu: "Começo por lhe dizer que antipatizo enormemente comsigo..."

Em todo caso, "si non é vero", uma coisa é certa. E' que V. Ex. se preoccupou demasiado comigo: sentou-se á sua secretaria, perdeu tempo em fazer a sua literatura e ainda gastou papel e sello.

Gostou ?

J. B. COHEN (E. do Rio) — Oh! Como o sr. é injusto! Injusto como todos os que me julgam de longe, — baseados na apparencia das coisas!

E' triste!

Vejamos. Escreve o sr.:

"Presado poeta Yves: Cumprimentos. Ha mezes, escrevi, enviando-lhe dois sonetos: "Foi um Sonho" e Garça" para os quaes pedia publicação em "Fon-Fon". Como, porém, até agora, não deparasse, na secção "Saibam Todos" algo sobre a acceitação ou recusa desses versos, quero crer que a carta se tivesse extraviado, se não é que os versos fossem tão ruins que nem resposta merecessem.

Envio-lhe, hoje, mais dois: "Inverno" e "Adão e Eva", esperando que não tenham a mesma sorte dos primeiros.

Aqui, ao seu inteiro dispôr o velho admirador e creado.

J. B. Cohen".

Não recebi os versos a que se refere. De resto, os poetas aqui são ás centenas. Não é possivel attender a todos com a brevidade que desejam.

Quando publico um soneto passavel, é quasi certo o autor enviar-me, na proxima vez, um caminhão delles. E que vou eu fazer de um caminhão de sonetos? E' necessario recorrer á policia.

Mas, como vê, o diabo não é tão bonito como o suppõem, si o não pintassem feio...

Uma prova é que vou publicar os seus sonetos. Achei-os bem bonitos. E revelam um poeta.

Gostou?

Muitos cavalheiros fogem desta pagina, na supposição de que os

(Continúa na pag. seguinte)

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 15-10-932

Data da consulta..........

Nome do consulente..........

....

seus trabalhos não virão á minha banca. Illusão! Receio pueril.

Todos elles vêm cair na minha secretaria; e, como não sou mesquinho, nem tenho inveja de ninguem, segue-se que, muitas vezes, pleiteio logar de destaque para esses "fujões"...

E dizem que o Yves é cretino, é isto e mais aquillo!

Louvado seja Nosso Senhor do Bomfim — que é o santo milagroso das bahianas bonitas...

Bahianas bonitas! Acaso haverá bahiana feia?

PEREIRA DE MACEDO (Rio Grande do Norte) — Curioso que o sr. é, caro confrade. Eis a carta que me dirige:

"Caro sr. Yves: Lendo em o numero 31 de "Fon-Fon", a sua cronica intitulada "On revient toujours", extranhei o seu modo de pluralizar a palavra Ave-Maria. Você escreveu Aves Marias. Terá razões para escrevê-la assim?

Aguardo a sua resposta pela secção "Saibam todos..."

O amigo certo,

Pereira de Macêdo."

Devo esclarecer o seguinte: o que escrevi foi *Ave-Marias* e não *Aves-Marias*. A culpa é da revisão. Mas, como ninguem acredita nisso, quero fazer este ligeiro reparo:

A regra que se deve observar em relação á formação do plurral dos substantivos compostos é muito simples.

Quando o elemento precedente de um vocabulo é invariavel, como *Ave*, o unico que recebe flexão do plural é o ultimo.

E' o que occorre com o substantivo em questão.

Assim, o correcto (e foi o que escrevi) é — *Ave-Marias* e não

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Aves-Marias, pois a palavra *ave* é invariavel.

Nota — *Ave*, exclamação, quer dizer — *Salve!*

VIOLETA BRANCA (Amazonas) — Sim, poetisa illustre. Reconheço o seu formoso talento e gostei da sua linda photo.

O poema virá na primeira opportunidade com o destaque que v. ex. merece.

GRACIETTE (Pernambuco) — Olá, bella conterranea. Ainda hoje espero o seu retratinho, isto é, a photographia que me prometteu, ha mezes. Que fim levou ella?

Aqui está uma série de postaes, reproduzindo vistas e aspectos do Recife, a minha querida cidade.

Só não veio nenhum do bairro onde nasci — Espinheiro.

A proposito da antiga Campina do Bodé, v. ex. escreveu:

"Foi aqui. Onde outróra era a grande campina do Bodé, onde o garoto moreno corria pedindo vento para fazer subir o seu papagaio vérde. O vento chegava e o papagaio subia... subia... e o garoto moreno ria satisfeito, vendo-o dançar nas alturas...

Hoje a campina se transformou num parque chic e elegante. E o garoto moreno tambem mudou. Tornou-se homem e trocou o papagaio verde pela penna sonhadôra...

Ella não foi egoista quanto o papagaio que subia sosinho. Ella foi mais bonita porque fez o garoto moreno subir e vencer."

No cartão onde se vê a ponte da Bôa Vista, v. ex. traçou este commentario:

"Quantas vezes não atravessou você essa ponte interessante. Quantas vezes não ficou olhando o seu destino atravez as aguas dôce do Capibaribe. Essa ponte nada mudou por isso vai lhe trazer recordações longinquas, conserva-se como você deixou.

Recebe o beijo forte da Rua da Imperatriz.

Beija com amôr e loucura a Rua Nova, a Rainha das ruas de nossa cidade.

E' para o fino escritor de "Uma "garçonne" carioca" essa lembrança de sua terra."

Os demais cartões reproduzem a Av. Rio Branco do Recife, Largo do Hospicio, Represa de Gurjahú.

Só me lembro do largo do Hospicio, em frente ao campo 13 de Maio. Era o velho caminho predilecto, quando saia do Gymnasio Pernambucano e ia brincar nos mangues de Santo Amaro ou correr de bicycleta por aquella zona visinha do bairro da Bôa Vista!

Naquelle tempo, a vida do Recife era tão simples, tão bôa, tão innocente! Com que saudades, evoco, neste momento, esse passado da minha vida escolar, recolhendo os farrapos de recordação, no fundo do desbotado dos dias decorridos!

Lembro-me pouco dos aspectos de outróra. E' com grande esforço de imaginação que recomponho o quadro da primitiva cidade. Mas, de qualquer modo, como me orgulha hoje o admiravel progresso da minha terra natal, superior, muitas vezes, nas suas bellezas, á cidade do Rio de Janeiro!

Parabéns a nós outros, pernambucanos, D. Graciette!

Yves

Notas de Arte

COMPANHIA DRAMATICA FRANCEZA — DELIA COL-DEBUCCURT — Dos quatro espectaculos que durante a ultima semana realizou no T. M. a C. D. F. Delia Col-Debucourt, assistimos aos tres primeiros: *Femme Nue*, de Henry Bataille; *Ma soeur et moi*, de Georges Beer e Louis Verneuil, e *Le Grand Voyage*, adaptação franceza por Lucien Besnad e Virginie Vernon, do drama inglez *Journey's End*, de R. C. Shcrift. Não nos foi possivel estar presente ao quarto, *Pierre ou Jack*, de Fr. Croisset.

Apesar de tudo que as distingue, *Femme Nue* e *Ma soeur et moi* são no fundo a idealização consciente ou inconsciente da mesma these: impossibilidade da harmonia dos corações pela opposição dos espiritos; infelicidade conjugal decorrente da differença de situações sociaes.

Em *Femme Nue*, Pierre Bernier, espirito eleito de artista, alma sedenta de gloria e de fortuna, vive como amante de Louise Cassagne, um pobre *modelo* que antes de ser delle a outros pertencêra, e que abandonára o grande amôr de Rouchard por Bernier. Sahe afinal o pintor da mediocridade dessa existencia, graças ao seu premiado quadro *Femme Nue*, que era a reproducção do corpo amado de Louise. Torna-se então famoso e rico. Habita palacios. Vive na alta sociedade. Ama e é amado por Pauline de Chabran, esposa de um velho intoxicado pelo ether, o principe de Chabran. Trava-se a luta. Bernier esquece Louise pela princeza. Louise tenta suicidar-se. Restabelecida, resigna-se e volta á vida primitiva, volta a ser amante de Rouchard.

Em *Ma souer et moi*, a princeza Irene de Jaix, noiva do conde Gérard de Chazelles enamora-se de Roger Bleuriot, universitario empregado de um livreiro e depois professor do lyceu, um pequeno burguez, quasi proletario. Roger não comprehende o amôr de Irene. Afigura-se-nos mesmo que o personagem é mais de farça que de comedia: parece impossivel admittir-se a inconsciencia de Roger. Apesar de todos os meios de seducção indirecta empregados por Irene, inclusive o disfarce de se apresentar como sua irmã, muito parecida, sob o nome de Geneviéve Giffard, nada consegue, porque mesmo depois de cessado e conhecido o *truc*, volta o enamorado á mesma timidez, á mesma indifferença, á mesma inconsciencia. Para elle a mulher que o seduz não é a princeza Irene, mas a dactylographa da fidalga, mlle. Henriette. E Irene desilludida volta ao amôr de Chazelle.

Irene de Jaix e Roger Fleuriot reproduzem comicamente a situação dramatica de Louise Cassagne e Pierre Bernier. A phrase da princeza Irene, decepcionada pela profunda differença entre o seu e o meio social de Roger — *il est si loin de moi* — poderia

(*Continúa na pag. seguinte*)

— Como conheceste teu novo marido?
— Da maneira mais romantica: atropelou meu marido com seu auto...

NOTAS DE ARTE *(continuação)*

ser dita, tardiamente embora, por Bernier a proposito de Louise — *elle est si loin de moi.*

Sem querer, talvez, os comediographos defenderam uma these. Além de serem ambas *peças*, isto é, idealizações sem programma previo de toda a vida, comica ou tragica, como as caracterizam um critico moderno, conseguem dar-nos a impressão de terem objectivo social: demonstrar á saciedade o mal decorrente da desigualdade espiritual e social das uniões conjugaes legitimas ou illegitimas. E o desfecho das duas ainda encerra uma velha licção psychologica: *nous revenons toujour a nos premiers amours.* Em *Femme Nue*, Louise volta a Rouchard, o antigo amante; — em *Ma soeur et moi*, Irene volta a Chazelles, o antigo noivo.

Mas, com esta ou outra qualquer philosophia barata a proposito das duas composições scenicas de Bataille e de Beer e Verneuil, o que mais importa é assignalar a mestria com que foram interpretadas pelo homogeneo e bello conjuncto, que é a Companhia Dramatica Franceza que ora nos visita.

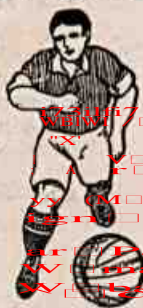
Delia Col, que só conheciamos através de *Le secret* e que então nos produziu forte impressão, fazendo que preferissemos a sua á arte de Gaby Morlay, viveu com muito primor as duas figuras de Louise e de Irene. Em *Femme Nue* malleabilizou o talento de modo a nos impressionar sempre bem nas scenas de amôr e de alegria, como nas de ciume e de dôr; e em *Ma soeur et moi*, deu muito realce á figura caprichosa da heroina encarnando com bastante individualidade a personagem real de Irene, como o seu outro eu, Geneviéve Giffard.

Débucourt, cuja dicção se nos afigura pouco vulgar, foi digno parceiro de Delia Col. A luta entre o amôr e o dever, amôr peccaminoso pela princeza de Chabran e o dever de amar a esposa, que, amante, lhe inspirára o quadro, origem da sua celebridade e que lhe foi companheira dedicada dos tempos de obscuridade e de pobreza, toda essa angustia intima soube encarnál-a o illustre artista, no personagem de Bernier da *Femme Nue*. Em Roger Fleuriot, de *Ma soeur et moi*, outro typo, outro caracter, antithese de Bernier, mostrou-se o mesmo notavel artista.

Em plano especial colloquemos tambem Henry Darbley, que representou com muita verdade o principe de Chabran. Notavel o tremor caracteristico das victimas do ehterismo, mantido sem interrupção durante todas as scenas.

Assignalemos mais Andrée Terroy, que viveu sympathicamente a figura antipathica da princeza de Chabran.

Na peça de Beer e Verneuil, citemos ainda Janine Leduc, que justificou plenamente o gosto de Roger Fleuriot por mlle. Henriette e Maurice Jacquelin, o muito nobre e resignado conde de Chazelles, anti- a volubilidade caprichosa da princeza Irene.

A ultima peça, *Le grand voyage*, tem alguma cousa de extraordinario para as platéas. E' um drama sem personagens femininas e tem pelo assumpto algo da tragedia grega. Idealiza a Guerra da Civilização Mundial, contra a Allemanha, como *Os Persas* de Eschylo, a guerra da civilização grega contra a Persia. Assistindo-se-lhe á representação, assiste-se á vida do soldado alliado, do soldado inglez, dentro das trincheiras, e se conhece toda a grandeza e toda a miseria da guerra. Não ha motivos de amôr no desenrolar da acção, mas só themas militares. Apparece apenas subjectivamente uma figura de mulher: a namorada ou noiva de Stanhope, o capitão da Companhia que habita na trincheira. E' uma imagem que se divisa muito ao longe através das palestras do noivo e do irmão, o tenente Raleigh. E só. O mais são sempre assumptos de guerra: e por tudo vê-se o horror que têem á guerra os que fazem a guerra. Fazem-na por evitar mal maior. E então sente o espectador todo o crime dos que a provocaram e teriam causado a ruina do mundo si o mundo não se tivesse levantado para abatel-os. E ainda assim a ruina cahiu, senão integral, parcial sobre vencedores e vencidos, porque, a Guerra Mundial matou guerreiros, mas não matou a Guerra...

INCONVENIENTE

— Hoje tambem não podemos tomar o trem, Pedro.
— Esquecemos alguma maleta?
— Não. Esquecemos dois meninos.

Stanhope, o personagem central de *Le Grand Voyage* bebe, bebe *whisky* para resistir ao medo, exaltação natural do instincto conservador deante do perigo. Osborne, o seu immediato no commando, entrega-se á poesia, lê, lê Shakespeare, recorda a familia e espera resignado o seu destino.

Hilbert quer fugir aterrorizado, mas cede á força e ao conselho de Stanhope. Como seu chefe faz a guerra e bebe *whisky*. Trotter ri, pilheria, indifferente e alegre perante o morticinio. Raleigh joven enthusiasta, desconhece o medo, affronta o perigo. Emfim todos os typos do soldado alliado desfilam deante do espectador empolgado por tudo e que vêem e ouvem na trincheira e imaginam fóra della, sempre atordoado pelo continuo troar dos canhões.

A C. D. F. representou com muita pericia a grande e singular peça. Debucourt (Stanhope), Henry Darbrey (Osborne), Maurice Dorléac (Raleigh), Marcos Bloch (Trotter), Lucien Gadry (Hilbert), todos afinal desempenharam com mais ou menos perfeição os personagens que encarnaram.

Mas merece especial menção, além de Debucourt, Henry Darbley, que deu á figura de Osborne extraordinario relevo...

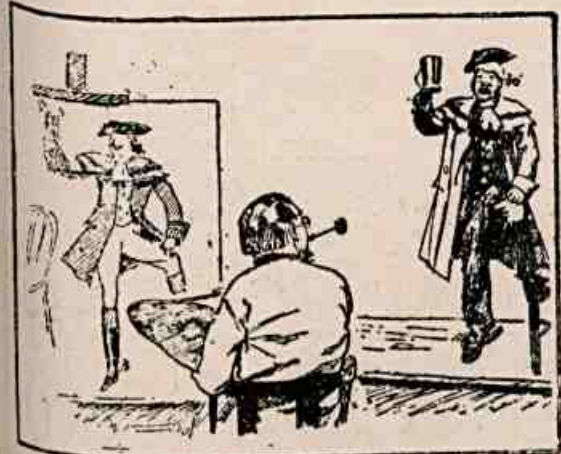
Em resumo, tres bellos espectaculos a que deviam ter comparecido não apenas os 300 de Gedeão, que não faltam nunca, mas numero muitas vezes superior. As peças e os interpretes mereciam mais assistentes.

ROSETTA COSTA PINTO. — Perante auditorio excepcionalmente numeroso, onde se viam muitas figuras representativas do nosso mundo artistico e social, entre as quaes algumas das nossas mais reputadas cantoras, realizou em a noite de jovedia, 5.ª-f., 29 de setembro, no I. N. M., em concerto extraordinario da As. B. M., um recital de canto, a sra. Rosetta Costa Pinto, fazendo-se ouvir, além de alguns extra, neste bem organizado programma: SCHUMANN — *Dichterliebe* (*Les amours du poéte*), ns. 1 a 7; FAURÉ — *Poéme d'un jour*, ns. 1 a 3 (*Rencontre, Toujours, Adieu*); TURINA — *Poema en forma de canciones* (letra de Campoamor), ns. 1 a 5. *Dedicatoria* (solo de piano), *Nunca olvida, Cantares, Los dos miedos, Las locas por amor*); *Canções populares estylizadas* (Brasil, Luisiona, Italia): MARIO DE ANDRADE — *Hei de amar-te até morrer*; VILLA LOBOS — *Viola quebrada*; MINA MONROE — *Gardes piti milatte-lá* e *Vous t'é in morico!*; MASETTI — *Passo e non ti vedo* e *La figeia disonorata*; MEULI — *A la Fiera de Mast'Andréa* (da Tarantella Napolitana).

Pelos ultimos recitaes em que ouvimos a cantora patricia, onde patenteou os notaveis aperfeiçoamentos obtidos na Europa, ouvindo as licções da grande Vera Janacopulos, esperavamos nos repetisse no recital de agora as mesmas agradaveis impressões que registramos em nossas chroniquetas de 25 de abril e 20 de junho do anno passado. Mas fomos surprehendidos por novos aperfeiçoamentos, e as nossas impressões foram mais variadas e mais intensas. A voz da sra. Rosetta Costa Pinto está numa rapida e victoriosa ascenção. Parece que frequentes estudos, cada vez mais apurados, lhe estão dando relevo maior que dantes tinha. Entre os novos aperfeiçoamentos assignalamos o da dicção e o do canto *piano*. A nossa impressão de todo o recital foi a de pleno gozo espiritual. Temos difficuldade em indicar quaes os numeros que mais nos impressionaram. Registamos, no emtanto, que a nossa emoção foi mais intensa em o n. 7 de *Dichterliebe*: *Ich grolle nicht* (*J'ai pardonné*), de Schubert; no *Adieu*, de Fauré; no *Cantares*, de Turina; em *Hei de amar-te até morrer*, de Mario de Andrade e *Viola quebrada*, de Villa Lobos; *Passo e non ti vedo*, de Masetti.

Não só frequentes e ruidosas palmas, como tambem pedidos de *bis*, levaram a recitalista a cantar alguns extras (*Posso muriam* e *Bella baganai*), coroados todos do mesmo exito dos numeros do programma.

Com a costumada mestria, acompanhou a recitalista, compartilhando-lhe os triumphos, o pianista José de Souza Lima.

OSCAR D'ALVA

O Pintor. — Faça o favor, Hiskias: um sorriso mais amplo.

O Modelo. — Não posso fazer um sorriso mais amplo por duzentos reis a hora!

PAPAE SOLTEIRÃO

Por LAURO MENDES

ENTERREI meu cão esta manhã. Eu e elle — ou o que restava delle — viajámos para o cemiterio improvisado, por um trem matutino. Tambem, não lhe comprei bilhete, burlando desta maneira o rigoroso regulamento ferro-viario norte-americano, que estabelece passagens mesmo para os animaes mortos. Viajou commigo na minha velha patrona de campanha, a mesma que eu usava no dia em que o encontrei em meio ao fogo de barragem da batalha de Arras. Era então um cãozinho policial belga, com um pequeno e delicado lombo em que se alojára inconscientemente um estilhaço de "sraphnell". Lambeu-me as mãos carinhosamente quando lhe extrahi o estilhaço, supportando com ligeiros gemidos a penetração da agulha com que lhe ministrei uma injecção de iodine, contra o tétano. E durante o resto do dia elle acompanhou-me no combate, com o negro narizito a apontar audaciosamente pela abertura de minha patrona.

Nascêra "Why" — era este o nome — entre a fuzilaria cerrada do fogo de barragem, e julguei que seria honroso para a sua memoria enterral-o ao fragor da mesma musica atordoante das batalhas. Escolhi, para seu tumulo, um terreno onde estava installado um "stand" de tiro ao alvo. Pratiquei o meu crime, insidiosamente, e, pondo-me á espera, vi com prazer que meia hora mais tarde uma fuzilaria cerrada entoava um majestoso "requiem" sobre sua sepultura.

Era meio dia quando tomei o trem de retorno á minha casa. Estava cheio o "waggon", mas eu sentia-me só, completamente isolado da communidade. E foi então que, pela primeira vez, me achei velho. Um homem solteiro depende sempre de um ou outro expoente de amizade, e "Why" tinha sido sempre uma pequena familia para mim. Sempre viveramos juntos, e, finalmente, não podia afastal-o de meu pensamento, e cria que, até então, ninguem tivéra uma vida feliz como a que eu levára: liberdade em demasia, nada de responsabilidade, e dinheiro demais até...

Em uma das estações, subiram varios passageiros, e com elles um velho e antigo companheiro meu, o coronel Poyton. Digo "companheiro", porque nos haviamos encontrado algumas vezes sob o fogo allemão—na Argonne, talvez — e o perigo commum approxima os homens mais insociaveis na paz. Percebi que olhava — não para mim, como eu pensava — mas para uma mosca artificial que eu tinha no chapéo, das que nos Estados Unidos são muito usadas como isca na pesca de trutas.

—Como se chama isto ? perguntou.

—Chamamos aqui de "trout-fly", mas eu a estou usando como enfeite...

—Mas, pelo que vejo, tambem ama a pescaria. Mas essa é rara. Quer dar-m'a ?

E sem mais delongas, foi tirando delicadamente a mosca do meu chapéo, e guardando-a em uma caixa onde se amontoavam outras tantas, de differentes côres e qualidades. Quando dois amantes da pescaria se encontram, embora desconhecidos, é inevitavel que dahi a momentos estejam os maiores amigos deste mundo, mormente quando se tenham encontrado antes nas circumstancias em que nos encontramos, sob o terrivel fogo inimigo. E dahi a momentos palestravamos gostosamente, recordando nomes e episodios.

—Lembra-se do capitão Flagg Jevons ?—perguntei.

—Lembro-me. Foi o melhor capitão que já tive na minha vida. E um formidavel amante da pescaria. Uma vez eu o vi, durante o combate, afastar uma granada prestes a estourar, para apanhar um formidavel moscardo que ali jazia, resseccado pelo sol. Era, antes de bom soldado, um magnifico pescador. Mas, porque pensaste justamente nelle ?

Disse-lhe que na proxima semana ia passar uns tempos em Kenneth's Village, no Hotel do Urso, e que o rio onde eu pretendia pescar um pouco passava por detraz da casa de Flagg Jevons. Esperava passar com elle bons momentos, recordando a vida das trincheiras e pescando á grande.

—Inútil, meu caro. Morreu ha seis annos, victima dos effeitos dos gazes asphyxiantes. Mas deixou mulher e quatro filhos. Dar-lhe-ei uma carta para a esposa, e isto tornará menos insipida a sua pescaria...

—Optimo. Mas, uma mulher e quatro filhos...

—Sim. E que ha nisto de máu ?

Eu não soube responder. Solteiro. Longe do convivio domestico. Fóra da minha orbita.

—E's solteiro ainda ? Máu. Devias ter morrido em logar de Flagg...

—Não. Não. Não sou solteiro nem só. Enterrei meu cão esta manhã...

—Tuberculose ?

—Não. Pneumonia...

—Tenho pena de ti. Muito joven para soffrer tanto. Quantos ?

—Quarenta e oito...

—Ah ! uma creança. Vamos...

Revoltei-me. Não podia pensar em perder minha tranquillidade, depois de ter vivido dezeseis annos com "Why", em santa paz. Relutei, mas o coronel Poyton tomou uma attitude quasi marcial dos velhos tempos de guerra.

—Eh ! major Lancing, que é que um soldado deve fazer, quando seu pelotão ha uma brecha ?

—Preenchel-a, coronel...

—Então, voila !

E, mettendo-me na mão um seu cartão apresentando-me á viuva Flagg Jevons, saltou, lepido, na primeira estação, deixando-me boquiaberto com a perspectiva de ter de passar uns dias em uma casa cheia de crianças e mulheres...

* * *

Embora estivesse em bôas aguas e a estação convidasse, eu fizéra

uma bôa colheita de moscas para iscar. Mas não da mesma maneira que tivesse "Why" commigo. O que faria si tivesse "Why" commigo. O meu pobre cão, muito embora fosse francez, tinha uma especial aptidão para a pescaria de trutas, e, muitas vezes conversamos juntos sobre os resultados da pescaria, eu, distrahido, elle, seguindo-me os movimentos labiaes com olhares intelligentes e muitas vezes perdiamos o peixe subitamente fugido do anzol, sem que elle, absolutamente, fosse disso o culpado. Mas si por acaso, as aguas em que pescavamos eram razas não raro acontecia que o atilado molosso ia buscar no fundo do rio o infortunado e fugitivo peixe.

Com tantas recordações, era difficil "encher a brecha" como ordenava o coronel Poyton. Mas como, si eu estava habituado a comer "no mesmo prato de "Why"?" e...

Ah! diabo de animal, quanta saudade! Parece que tinha adquirido o dom de se fazer entender!

Foi sob esse estado mental, quasi que unicamente por um impulso social, que eu mandei entregar, do Hotel do Urso, o cartão de apresentação para a familia Flagg Jevons. E logo ao dia seguinte fui convidado para o chá, para o qual fui, muito mollemente, aferrado a uma esperança de que elles se tivessem mudado subitamente, acossados por uma circumstancia qualquer. O pensamento das quatro crianças apavorava-me, e eu nunca tinha lidado com crianças, mormente agora, sem "Why"...

Mas, chegado, uma coisa alegrou-me. Pelo formoso valle onde corria o pequeno rio que seria em breve a minha delicia, corriam coelhinhos e cabritos, e zumbiam nos ares os mais formosos spcimens de moscardos para isca que eu já tinha visto na minha vida. Isso me encorajou mais um tanto, e entrei o portão.

Logo no alpendre, se me deparou um enorme capacho, em que se lia, em letras garrafaes, a palavra "Paz". Emquanto esperava que viessem attender ao meu toque de sineta. Puz-me a pensar como poderia um convidado como eu limpar os pés enlameados numa tal palavra. O toque de sineta trouxe comsigo uma multidão de cães galrentos, e, logo após, um criado de avental sujo.

—Major Lancing?—perguntou.

No tempo em que uma figura, cuja forma não consegui ver a principio, se precipitou subitamente no meu campo visual, cavalgando uma vassoura. Vi depois que era uma menina. Logo após, surgiu uma figura de menino, fingindo voar como borboletas, em perseguição da cavalleira, de olhos brilhantes e rosto afogueado. E quando a gritaria e o tropel se dissiparam, eu poude ouvir, vindo dos pavimentos superiores, os accordes sonoros de um piano qualquer.

Como um homem que amava a musica, pareceu-me a principio ouvir os accordes da *Ave-Maria* de Gounod. Mas não tive essa felicidade. Não sei si por influencia do tropel que ferira havia pouco os meus ouvidos, aquillo me pareceu a mim nada mais do que uma peleja entre uma pessôa de dedos mais ou menos endurecidos e um mais endurecido piano. Mais uma vez os cães se puzeram a latir, e o tumulto geral daquella casa de Paz foi augmentado pela voz masculina do criado, a gritar:

—Silencio! "Shut up"...

O criado veiu a mim e levou-me para uma pequena sala de espera cuja porta elle fechou sobre si, para poder ser ouvido.

—Mrs. Jevons ainda não chegou, Major Lancing.

—Mas, pelo que ouvi, a familia está toda em casa—disse, com ironia.

A minha observação pareceu conquistar as sympathias do criado. Perguntei:

—V. é o criado para tudo?

—Sim, senhor. Para tudo...

Percebi que a conversa ia tomando um accento muito intimo, e apanhei um jornal para ler, emquanto Dawson, o mordomo, se retirava por entre um ensurdecedor tumulto. Apesar de tudo, o formoso rio que corria por traz da casa, e o enxame de moscas cujo zumbido eu percebia lá fóra ainda me mantinham um pouco apegado á

(Continúa na pag. seguinte)

minha fraca resolução de substituir "Why".

A saleta é invadida repentinamente pela menina *cavalleira*, que, defrontando-se commigo, me perguntou o que fazia eu alli no "santuario".

—Santuario ?

—Sim. Onde recebemos os santos, os visitantes...

A endiabrada menina, não contente da entrada intempestiva que tivéra, atirou longe o sapato, e com tal violencia, que foi partir um dos vidros da janella da saleta que me separava do ensurdecedor piano. Pelos espinhos, folhas, flores e fragmentos de cortiça que se agglomeravam na sua cabeça, eu percebi que acabara de trepar em alguma arvore ou estivéra a dar saltos entre o emmaranhado de uma floresta. Perguntou-me o nome. Disse-lh'o.

—Ah ! V. deve ser elle. Nós o esperavamos. Si não fosse elle, Sue não estaria tocando daquella maneira...

Manifestei o meu assombro. Ademais, eu não entendia de crianças.

—Parece que V. está innocente. Mas Sue está tocando para alguem. V. sabe tirar espinhos de joelhos ?

—Eu nunca experimentei. Mas

PAPAE SOLTERÃO

(Continuação)

tenho um bom canivete com uma bôa tenaz.

Mabs — assim se chamava o diabo — alçou-se para o meu collo e supportou com galhardia as extracções que eu lhe ia fazendo. A' proporção que os espinhos iam sahindo, ella ia humedecendo os logares offendidos com saliva. E, por um curioso succeder de recordações aquelle episodio trouxe-me á mente o dia em que eu encontrára o meu pobre "Why" em Arras. Lembrei-me que tambem o pobre cãosinho humedecêra com sua saliva o logar de onde eu extrahira o estilhaço de granada. Mas Mabs arrancou-me de minhas cogitações.

—V. é muito bom, Major. Diga-me, é verdade que vae haver uma grande revolução social no mundo?

—Não. Ignoro. Por que pergunta isto ?

—Porque Sue tem estudado muito. E Mammy diz que ella precisa estudar para poder um dia viver só si o outro Papae não chegasse...

—Mas, viver com o piano ?

—Não, Major. Casando-se. Ella estuda para arranjar um marido. Mammy diz que ella tem que arranjar alguem. Qualquer um. V. por exemplo. Mas com dinheiro. E V. tem dinheiro ?

Eu estava horrorizado. Invectivei a garota.

—Por que não vae embora ? Deixe-me só. Fiz-lhe algum mal ?

—Não. Mas vejo que já está ficando covarde, e um soldado não é covarde. V. quer, eu vou lá em cima e digo a Sue que V. a espera... com dinheiro. Sim ?

—Mas, espere...

E, fazendo um tregeito, desappareceu. Eu procurei fazer o mesmo, e tel-o-ia conseguido, si Leila Jevons não tivesse escolhido justamente aquelle momento para entrar. E, como por encanto, com a sua presença, dissipou-se o meu receio. Era uma mulher pequenina como uma "musmée", de rosto mimoso, onde bailavam dois olhos bravos e innocentes. Embora, como depois o constatei, ella tivesse o poder moral de um cavalheiro, havia em seu todo um ar innocente de espanto e confusão. Nunca encontrei alguem que me entrasse na vida com tanta segurança, que se agitasse com tanta fir-

...leza, e suas primeiras palavras para commigo fortaleceram o meu pensamento.

—Não é espantoso, tudo isto ?

Não lhe respondi. Tudo o que ella dissesse deveria estar certo...

—Deram-lhe alguma coisa. Chá? Whisky and soda? Cocktail? Ah, Sue querida ! não toque assim. Vou mandal-a parar. Vou chamar Dawson para...

Não houve necessidade. Uma tempestade de toques de campainha assaltou os nossos ouvidos.

—Isto significa o chá. Quer tomal-o commosco ? Não é lá muito agradavel, quando se tem um "team" de diabos como eu tenho. Espero que Donald não tenha desapparecido e que Mabs não esteja suja. Mas este desarranjo nos outros dá um destaque especial a Sue. V. vae ver...

Minha inquietação voltou á perspectiva de defrontar-me novamente com a terrivel Mabs. E os outros ? E aquella Sue ? Eu e Leila fomos para a sala de jantar atravessando o jardim e conversando.

—Disseram-me que vae haver no mundo uma revolução social que transtornará ainda mais os usos e costumes. Por isto, eu faço Sue estudar muito. Cada qual deve ter a sua profissão. Não acha ?

Não poude responder em tempo. Mabs entrou precipitadamente por uma janella emquanto Donald apparecia escorregando pelo telhado.

—Ainda ás voltas com a corrida ?

—Sim, Mo. Houve um armisticio para o chá.

Donald era sympathico, mas não extendeu-me a mão nem mesmo quando a mãe o fulminou com um "Donald !" expressivo. O outro rapaz, Barton, já estava sentado á mesa, e já devia estar lá desde muito tempo, porque as iguarias de que se estava servindo estavam alinhadas em frente ao seu prato. Era um rapazinho que começava a tomar interesse pelos bailes, gravatas bonitas e companhias duvidosas. Levantou-se polidamente mal eu entrei, limpou as pontas dos dedos na toalha e offereceu-me a mão para o "shake-hands". Os olhos de Leila, impacientes, estavam fitos na mesa, acompanhando os menores movimentos dos dois desesperados rebentos, Mabs e Donald. Dirigiu-se ao ultimo:

—Donald, offereceste uma cadeira ao Major Lancing ? Com crianças como vocês não se tem vontade de tomar chá. Ainda bem que Sue...

Eu disse qualquer banalidade, e, sentando-me, apanhei um *sandwich* que estava proximo.

—Não avance tão ferozmente nos alimentos assim,—disse Leila.

Larguei o *sandwich*, escarmentado, mas uma dupla gargalhada estalou, de Mabs e Donald, a quem a mãe invectivara quando esvasiavam um monte de bolos sobre a mesa.

—Perdão, Major. Não é com o senhor...

Foi quando Sue appareceu. Parecia-me ver um recanto de céo descendo as escadas, vestida com um tecido desenterrado dos confins da China onde a sêda é mais vaporosa e pura, e só mesmo um olhar atilado e experimentado poderia conceber a obra de primorosa arte que o vestido encobria. E sobre o corpo divinamente bem talhado florescia uma cabeça formosa como uma estrella. No rosto infinitamente bello scintillavam dois olhos profundos e dominadores que entraram deliciosamente em todo o meu ser, deslumbrando-me. Eram olhos severos, serenos e ligeiramente maliciosos. Os labios firmes e positivos, e seu ar de alheiamento estavam em completo contraste com o typo vivaz de sua mãe.

Pareceu surpresa ao ver-me. Dirigiu-se á mãe:

—Mamãe, eu não comprehendo.

—Comprehendes muito bem.

—Não.

—Sim. Eu sei que comprehendeste o meu recado...

Uma onda de rubor carminou as deliciosas faces de Sue.

—Sim, mamãe, mas esta conversação não deve agradar muito ao Major Lancing.

—Eu entendo. Mas tu sabias que o Major vinha aqui. E elle conheceu teu pae, e tu sabias como teu pae apreciava os meus vestidos assim como o teu. No dia em que eu o conheci vestia um vestido igual ao teu.

Puz-me a imaginar o quanto deliciosa não estaria Mrs. Jevons num vestido daquelle tecido, e ao mesmo tempo quedei-me indeciso sem saber a qual das duas os meus olhos maravilhados mais apreciavam. Admirei-me de como Jevons morrêra, deixando na viuvez uma mulher tão linda e formosa, e com taes filhos, e uma filha formosa a ponto de me ter feito esquecer do meu inseparavel "Why".

Senti que, pela primeira vez, eu estava em presença de uma grave emergencia: que eu estava collocado, desamparado, na linha natural que existe entre a mocidade e a meia idade. A unica cadeira, vaga á mesa estava junto a mim: occupou-a Sue. Para sahir do meu agastamento murmurei:

—Então, V. toca piano?

Leila Jevon tomou attitude pela filha e respondeu lestamente:

—Sim. E' uma bellissima pianista...

—Não. E's...

—Pois bem, sou...

A conversa descamba novamente para a insipidez. Para mudar-lhe o rumo, e esquecendo meus deveres de cortezia, disse:

—Si o que eu acabei de ouvir deve ser considerado como amostra eu não concordo com o senhor Mrs. Jevons...

Que? perguntou Sue, surpresa.

O silencio que se seguiu foi expressivo. Donald aproveitou a opportunidade para vingar-se da irmã.

(*Continua no proximo numero*)

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 42

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1932

As mentiras da vida...

NA classificação das cartas que eu recebo de remettentes desconhecidos, assignadas, sempre, por um pseudonymo feminino, sou obrigado, agora, a abrir um novo grupo para collocar as linhas fidalgas que o correio me trouxe numa hora de serenidade espiritual. Uma *carta inutil*... Assim a denominou sua autora, que se occulta sob o nome voluptuoso de Margot e apenas me pede, ingenuamente, que eu lhe ensine a acreditar nas mentiras da vida...

Si não fôsse a originalidade do pedido e a maneira gentil como essa desconhecida bate á porta da minha sensibilidade, confesso que sua carta teria o destino de todas as outras cartas onde um nome de mulher procura impressionar as desillusões da minha vida.

Mas essa *carta inutil*, positivamente, me agradou. Não pelo que encerra de bonito, literariamente, mas porque me veiu revelar um espirito interessante, capaz de pensar e de sentir sem a frivolidade inquietante do seculo.

Sem ser um professor de illusão, posso, entretanto, aconselhar ao scepticismo dessa missivista desilludida que não procure, jamais, comprehender as phrases sonoras dos escriptores nem os versos lyricos dos poetas. Elles escrevem sobretudo para que as mulheres sintam, mas nunca para que ellas comprehendam... O sentimento é o coração, e a faculdade de perceber, a razão. A mulher deve viver pelo coração, e não pela razão. Paradoxo ou atrevimento emocional, a opinião ahi fica.

Eu sou um homem que acredita em todas as mentiras da vida. Não sei, porém, como acredito nellas. Talvez para acreditar nalguma coisa do mundo. Porque, neste planeta inquieto e atormentado, não ha verdades que convençam ou que, pelo menos, consolem. Só as mentiras nos confortam, só as mentiras fascinam os nossos desenganos e os nossos desejos insatisfeitos.

As mentiras da vida são as cartas *inuteis* das mulheres que não acreditam na sua propria seducção e no seu proprio destino. São as esperanças, as ternuras humanas, os beijos femininos, o amôr, a felicidade... As mentiras da vida são as doces promessas que nos fazem todos os labios acostumados a prometter e a mentir. São as cellulas da propria vida...

Minha suave desconhecida, linda mentira epistolar, você, que eu não sei si é bonita ou si é feia, si é loira ou morena, si tem dezoito annos ou já está perto dos cincoenta, — você não deve entristecer por tão pouco.

Si ainda não sabe acreditar nas mentiras da vida...

ao menos acredite
que eu sou como você...

MARTINS CAPISTRANO

Robe de mousseline noire a pois blancs. Toque d'organdi blanc piqué.

(Photos especiaes)

Toque d'organdi blanc piqué. Voilette marine á pois blancs. Ensemble de Jean Patou.

(... FON-FON).

Rendas de espuma

PROPHECIAS

QUANDO o meu amigo Léo declarou que havia ido á cartomante, para conhecer o seu destino amoroso, accidentado e afflictivo, sorri, incredulamente. E, abanando a cabeça, affirmei:

—Perdeste o tempo. Por que não lhe pediste uma orientação para fazer fortuna?

Léo gemeu, com amargura:

—Ella me assegurou que eu nunca havia de ter fortuna.

E, exgottado um silencio:

—Quanto ao meu caso sentimental, a coisa foi decepcionadora.

—Conta lá — interessei me, engulindo o "cocktail".

Aquella hora,—alta hora da noite—o bar estava quasi ermo. Apenas alguns noctivagos, bebedores inveterados, retardatarios que se deixavam ficar em torno ás mesas, onde punham uma nota viva de movimento e alegria. Léo bebeu e falou, pausadamente:

—Conheces o meu caso, não? Pois bem. Célia e eu fomos, durante quasi tres annos, dois camaradas sinceros e inseparaveis. Viviamos um para o outro. Espiritual, por excellencia, temperamento artistico, dona de um talento arrogante e audacioso, a minha garota era bem o typo que elegêra para o meu amor e o meu sonho de arte.

Não tinha preconceitos. Identificada commigo, até a medulla, as suas idéas não eram outras, senão as minhas. Isso contribuia enormemente para que nos sentissemos bem e fossemos, até mesmo, um pouco venturosos.

E Léo fez um parenthesis para dizer, gravemente:

—Nota que o destino do amôr não é dar a felicidade. O amor saciado, em todas as suas aspirações, é uma estupidez. O que se deve esperar delle é que gére essa força progressiva, creadora e aperfeiçoadora dos nossos sentimentos. Exercendo-se, ella os renova, dia a dia, em relação aos que amam. E' essa força constructiva e esse encanto espiritual, provenientes do amôr, que enchem a nossa vida de sonho e esplendor. Eis o que sentíamos e nos dava a illusão permanente de uma felicidade duradoura, educada e discreta.

Outra pausa. Eu disse, impaciente:

—Mas, que tem isso com a tua cartomante?

—Espera. Já chego lá... A minha Célia era, portanto, o meu ideal de belleza e coração. Encantava os olhos e a alma. A's vezes, havia resentimentos entre nós. Ella me accusava de gostar de outra mulher. E eu não trepidava em atirar-lhe a pecha de leviana — toda vez que ella me mentia. Depois, tudo se resolvia numa paz serenissima.

Mlle. Maria Stella Guimarães Garcez é uma encantadora figura da nossa «élite» social. Por motivo do seu anniversario, mlle. Stella offereceu uma linda recepção ás pessôas de suas relações.

De novo, a nossa camaradagem se tornava mais solida e, quando estavamos longe, tinhamos saudades até dos nossos destemperos. No fundo, era tudo aquillo uma homenagem a nós mesmos."

Curioso, bradei:

—Vamos á cartomante. Que te disse ella?

Léo contrahiu os labios e apertou os olhos, uns olhos vividos e pequenos, em cujo fundo boiava um brilho sêcco de ferrugem:

—Fui. Pedi-lhe que lançasse as cartas, e ella me disse com solennidade: "Vejo uma dama que foge a um cavalheiro... A dama é ella; o cavalheiro, é o senhor..." Eu reprimi o riso, com energia. O oráculo proseguiu: "Surge agora uma separação inevitavel... Esboça-se uma tragedia..."—"Basta!"—exclamei, sorrindo. Tomei do chapéo e sahi sem mais pensar em semelhantes prophecias, que me pareciam loucas, absurdas.

—E depois? — appressei-me.

Léo teve um largo gesto theatral. Vi nos seus olhos o brilho molhado de uma lagrima.

—Depois, isto é, tres dias depois, dava-se o nosso rompimento. Ebrio de dor, procurei varrer da memoria a idéa daquelle passado inutil e malaventurado.

Uma pausa. Léo apostrophou:

—Célia! Tel-a-ei esquecido? O que ha de amargo no amôr, não é elle morrer no coração. E' ficar vivo, palpitante, no subconsciente. A cada passo desperta, com mais intensidade, quando, paradoxalmente, morto..."

YVES

EM NOME DA FRATERNIDADE BRASILEIRA

SOB os melhores auspicios vem-se realizando a obra da pacificação geral, após os tormentosos e dolorosos momentos que tanto agitaram a alma nacional. Ensarilhadas as armas nos campos da luta inglória, logo se tratou de firmar, alicerçar e consolidar a obra da paz — uma paz de coração a coração, em nome da Alma Una e Indestructivel do Brasil. Uma paz toda espirito, toda sentimento affectivo, toda amor, toda fraternidade, porque feita em nome mesmo do coração da Patria. Cessados os objectivos e as razões de ordem militar da luta, a communhão dos espiritos e dos corações, como acto propiciatorio, tinha que preceder a obra ingente da reconstrucção. E' o que se está fazendo, é o que evidenciam os propositos do governo central e as attitudes nobilitantes do general Waldomiro Lima, actual governador militar de S. Paulo e commandante da 2ª Região. Entrando na capital paulista, o illustre soldado não o fez como um general victorioso. Penetrou na capital da grande terra dos bandeirantes de braços abertos para acolher, num mesmo amplexo fraternal, os patricios que, ha pouco, combatera, em nome da ordem e da harmonia da collectividade brasileira.

Focalizamos, nesta pagina, um aspecto da Paulicéa, — a praça da Sé — vendo-se, ao centro, o general Waldomiro Lima.

O AMOR

A gente não ama a quem quer nem quando quer. O amor é um destino e cada um de nós tem o seu destino, a sua hora e o seu amor. De nada vale buscal-o. Elle não se apressa nem se atraza: vem a seu tempo. Tambem só se ama verdadeiramente a alma para a qual se foi creado.

*

O habito mata o amor. Porque fome saciada é fome passada. Mas o habito tambem substitue o amor. O amor que nunca existiu ou já não existe...

*

Não ha mais bello espectaculo do que o primeiro encontro de duas almas gemeas. A' sua revelação ha um estremecimento no universo; do céo com que chove o oiro das estrellas e a terra toda floresce numa benção de perfume.

Regina Rizieri

Duas trincheiras paulistas de Engenheiro Neiva quando eram inspeccionadas pelas tropas do governo provisorio, após a cessação da lucta.

Outras fortificações revolucionarias, vendo-se no alto o trançado de arame farpado empregado pelas forças constitucionalistas, no sector de leste.

GOTTAS

Eloqüente é o que persuade pelo coração. Logico, o que convence pelo raciocinio.

*

Sábio é o que ainda vê claro quando os outros, não vêem mais nada.

*

O instincto é a sabedoria do corpo.

*

Mentir é falar contra a propria consciência.

*

Faltar á verdade nem sempre é mentir. Póde ser enganar-se tambem.

*

"O homem adquire a consciência de si mesmo pela dor". E' isso; A dor é o despertador da consciência.

*

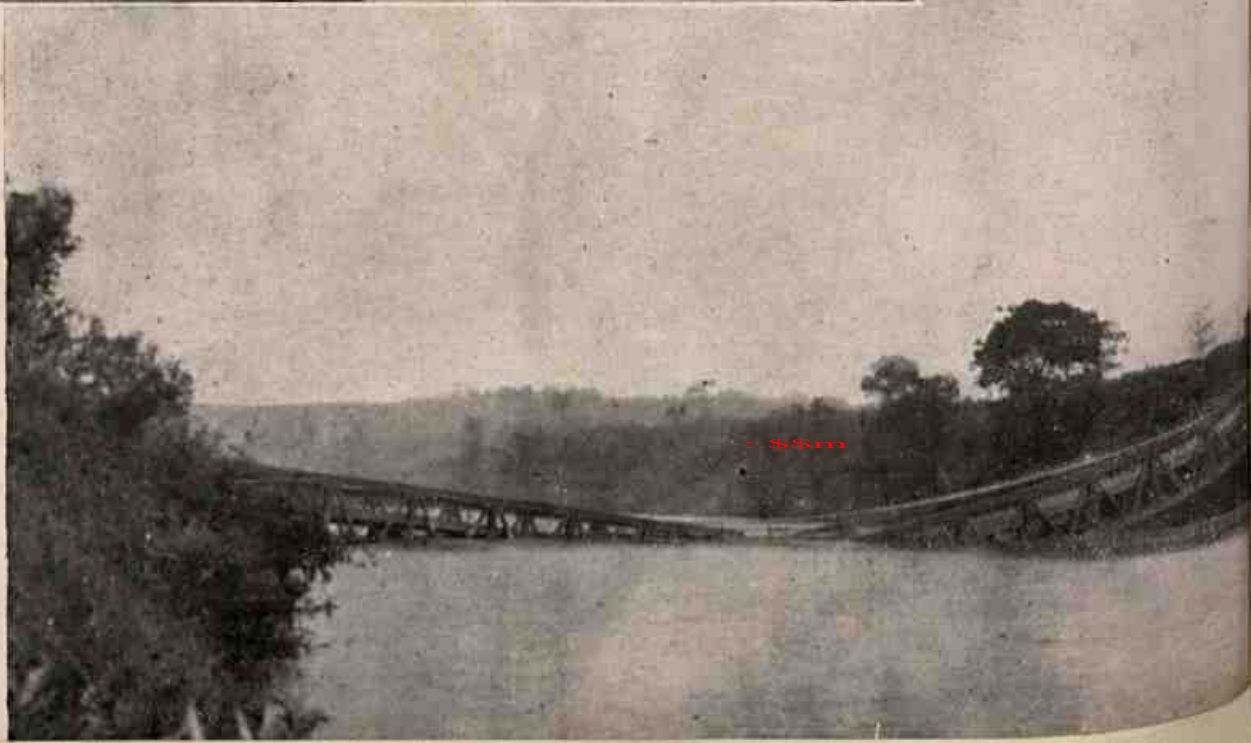
"E' preciso saber ser uma esponja quando se quer ser amado por corações exuberantes". Para absorver ou Ma-gar?

*

Não ha homens máus. Ha-os doentes. Porque não ha maldade consciente.

*

O livre arbitrio! Ha uma porção de coisas que pesam sobre os nossos actos, nossas palavras, nossos pensamentos. Ha, sobretudo, o passado. E' mais ain-

Uma das pontes sobre o rio Parahyba que foram dynamitadas pelas tropas constitucionalistas.

da as circumstancias, o ambiente... Que sei eu? Um mundo de coisas...

*

Antes a verdade núa e crúa do que a illusão mentirosa. A verdade é sempre bella. E a vida tambem. A vida é profunda e mysteriosa... Sim, a vida é bella! E as horas todas são grandes. Tão grandes que nos esmagam com a sua grandeza.

*

Não ha fealdade absoluta. Em tudo ha um germem de belleza.

*

O juiz é sempre injusto. Como é difficil julgar!

*

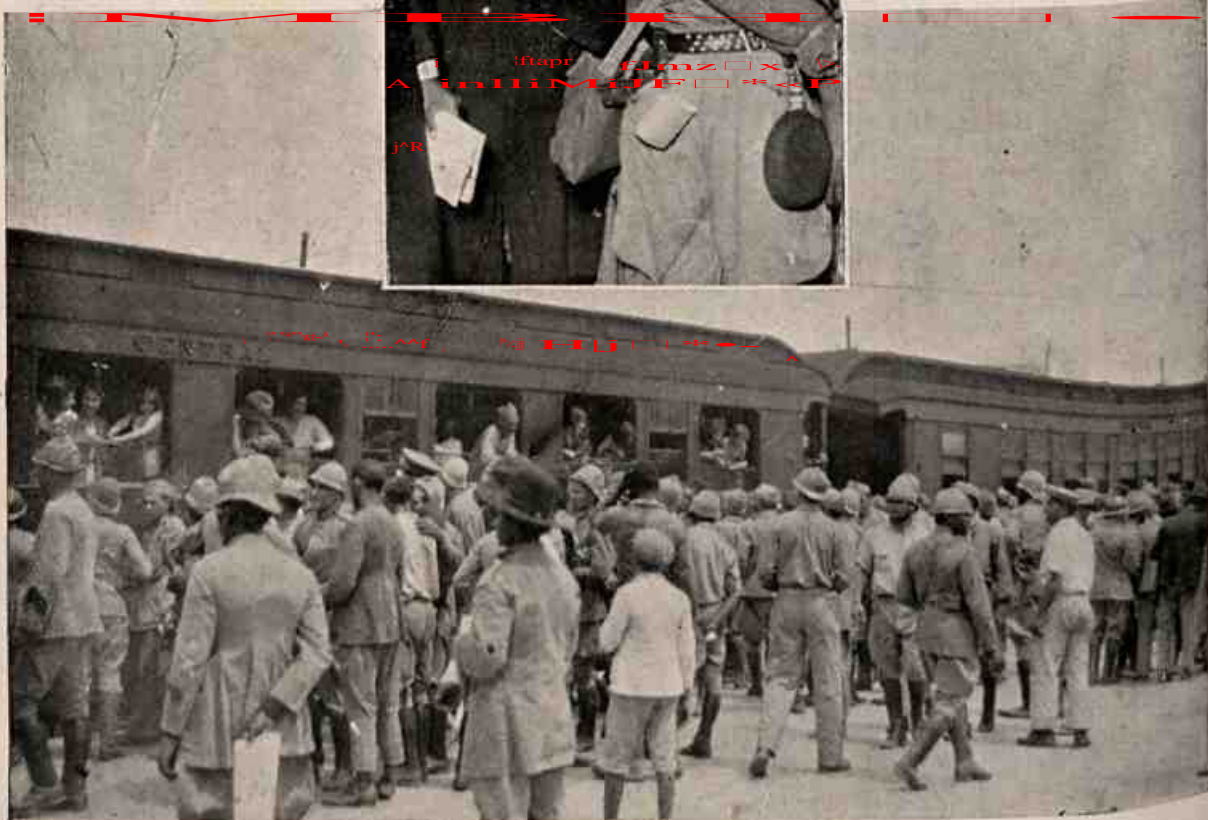
E' facil ser sincero, mas imparcial...

*

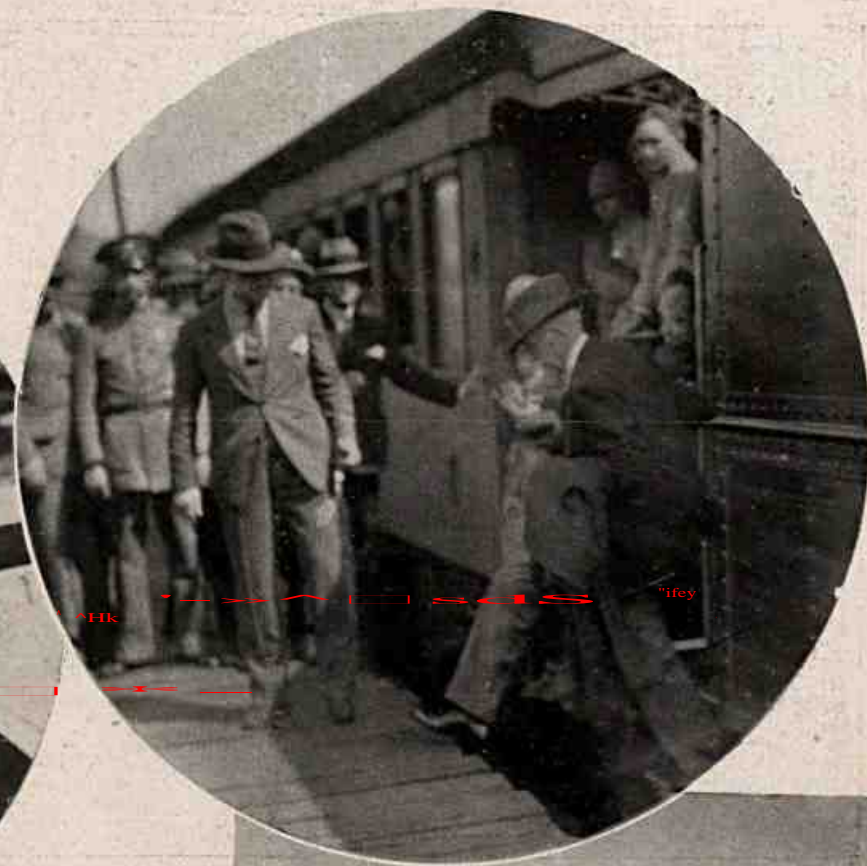
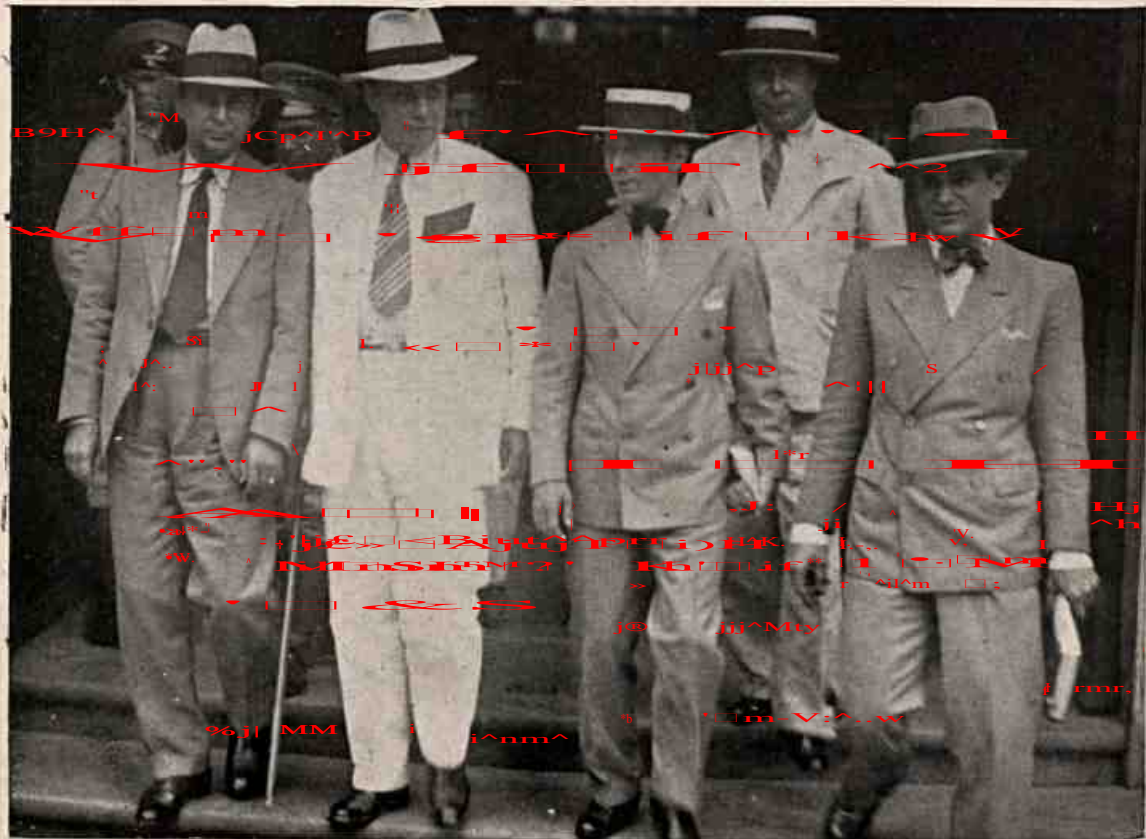
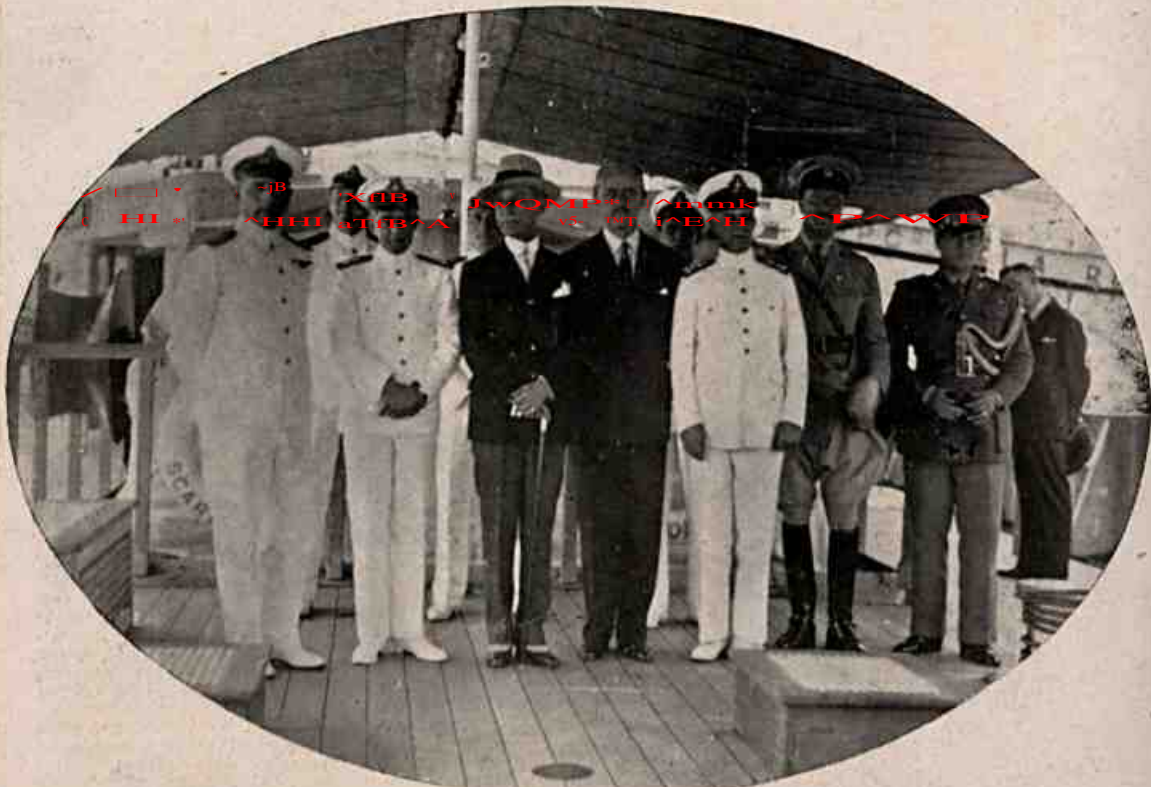
As nossas acções valem pela razão que nos leva a praticál-as.

Regina Rizzeri

O major Oswaldo Cordeiro de Farias, que já foi chefe de policia de São Paulo, assumiu novamente esse alto cargo, a convite do actual governador militar do grande Estado, general Waldomiro Lima. O «cliché» desta pagina focaliza um aspecto do embarque, nesta capital, com destino á Paulicéa, do major Cordeiro de Farias, e outro de sua posse naquellas funcções.

Tres aspectos da estação de Lorena durante a chegada ali dos primeiros trens de São Paulo, quando terminou o movimento revolucionario.

O general Bertholdo Klinger, que commandou o Exercito Paulista durante o movimento revolucionário contra o governo provisorio, chegou na semana passada ao Rio de Janeiro, para se apresentar, prisioneiro, ás autoridades federaes. O chefe das forças constitucionalistas, que viajou em trem especial, acompanhado dos officiaes de seu estado maior, entre elles, o tenente-coronel Villa-Bella, o major Ivo Borges e o capitão Rogério de Albuquerque Lima, desembarcou á noite, na estação D. Pedro II, seguindo dalli para o Quartel General, de onde foi transferido para bordo do «Pedro I».

Os primeiros prisioneiros paulistas que chegaram a São Paulo depois de suspensas as hostilidades no «front».

OS ACONTECIMENTOS DE S. PAULO

Depois de aqui chegado prisioneiro o general Bertholdo Klinger, chefe militar da revolução constitucionalista paulista, outras grandes figuras de projecção no movimento ha pouco dominado tiveram o mesmo destino. Dentre os vultos civis e militares ultimamente vindos, prisioneiros da capital paulistana, destacam-se os srs. Pedro de Toledo, ex-interventor federal e ex-governador civil de S. Paulo, com todos os seus secretários de governo; Thyrso Martins, chefe de policia, Godofredo Telles, prefeito da capital, Francisco Morato, Leven Vampré, Carlos de Souza Nazareth, além de vários outros. Nesta pagina focalizamos diversos aspectos da chegada desses elementos revolucionarios a esta capital.

O general Góes Monteiro, que commandou as forças contra as tropas constitucionalistas no sector de léste, chegou sabbado á noite a esta capital, procedente de seu Q. G. em Cruzeiro. Segunda-feira, o illustre chefe militar foi á Policia Central, em visita ao capitão João Alberto. E' um instantaneo do general Góes Monteiro, quando se deixava o palacio da rua da Relação, o que fixa o «clichê» acima.

Os srs. ministros das Relações Exteriores e da Marinha, dr. Afranio de Mello Franco e almirante Protogenes Guimarães, a bordo do cruzador inglez «Scarborough», por occasião de sua visita áquelle vaso de guerra que ainda se encontra em nosso porto. No grupo se vêem, tambem, o commandante do «Scarborough», capitão de mar e guerra J. H. Kershaw, o encarregado de negocios da Inglaterra e o almirante Bento Machado da Silva.

PRIMEIRA COMMUNHÃO

Na capella do Collegio da Immaculada Conceição realizou-se sabbado último, com grande brilho e solemnidade, a cerimonia da Primeira **communhão** de mais de uma centena de alumnos do Curso Andrews, que apparecem no «cliché» desta pagina depois de comparecer á mesa eucharistica, para receber a Jesus sacramentado. Entre os néo-commungantes, figuravam os pequenos Carlos Octavio, Doris e Dulce da Veiga Lima, queridos filhinhos do dr. Carlos da Veiga Lima e de sua exma. senhora, d. Sylvia da Veiga Lima, que se vêem na photographia do centro.

Madelou Assis, que é uma figurinha galante da nossa alta sociedade, tem uma voz suavissima, que augmenta o encanto da sua graça pessoal. Artista de fina sensibilidade, a linda patricia vem, de ha muito, enchendo de harmonias os nossos salões e as nossas estações de radio, cantando e encantando com aquella fascinação que palpita e vibra nos seus olhos de boneca. Seu ultimo successo é, sem duvida, «Oh! si eu tivesse um amôr!», a valsa-canção de Paulo Gustavo. Madelou canta-a com uma emoção e uma graça infinitas, tanto assim que Paulo Gustavo já está escrevendo para ser gravado por ella um samba-canção, com o suggestivo titulo — «Minha ventura sempre foi você!»

A HERMES FONTES

Tu, Semeador de imagens e de affecto,
grandiloquente espirito!, capaz
de abranger o infinito, num trajecto
pelas distancias intersideraes...

E' o Coração-Humano que interpreto,
Hermes-Fontes, ao ler-te; e hoje me dás
uma impressão do artista mais completo,
que andasse apostolando o sonho e a paz...

O mundo em que viveste, esse, divide-o
a discórdia, a ambição, tudo o que fôr
grifas de fera, tóxicos de ophidio...

E, exhausta a ingênua mão do Semeador,
forçaste, pela porta do suicidio,
o ultimo sonho pacificador...

Passos Cabral

DA MISERIA

A miseria é triste, mas occulta, quasi sempre, belleza e heroismo. Refiro-me, está claro, á miseria material, porque a espiritual, não podendo ser classificada, requer exclusivamente commiseração.

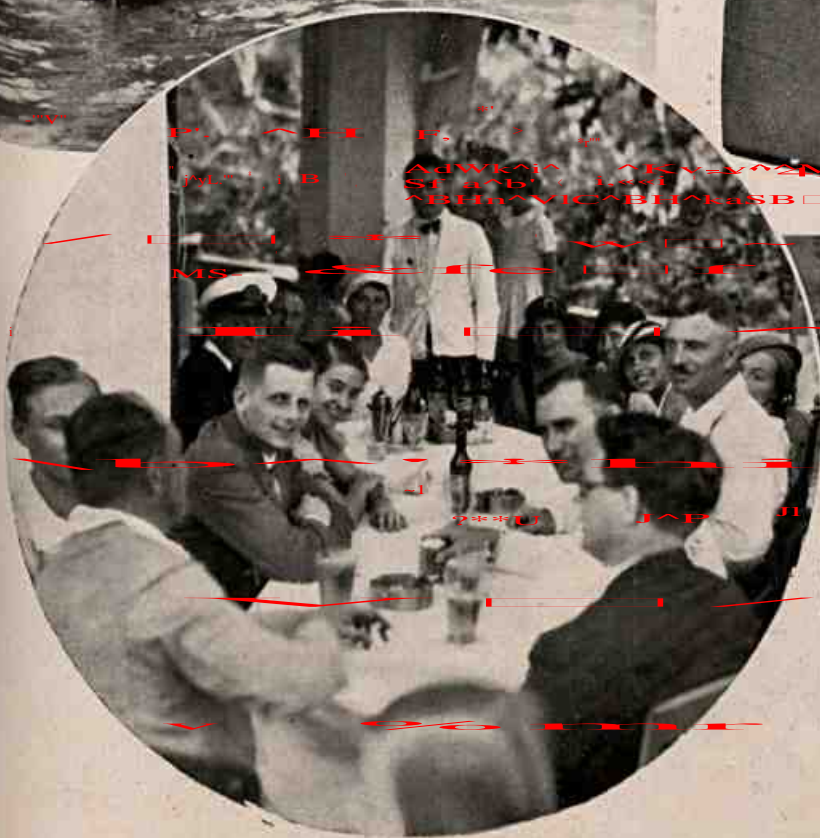
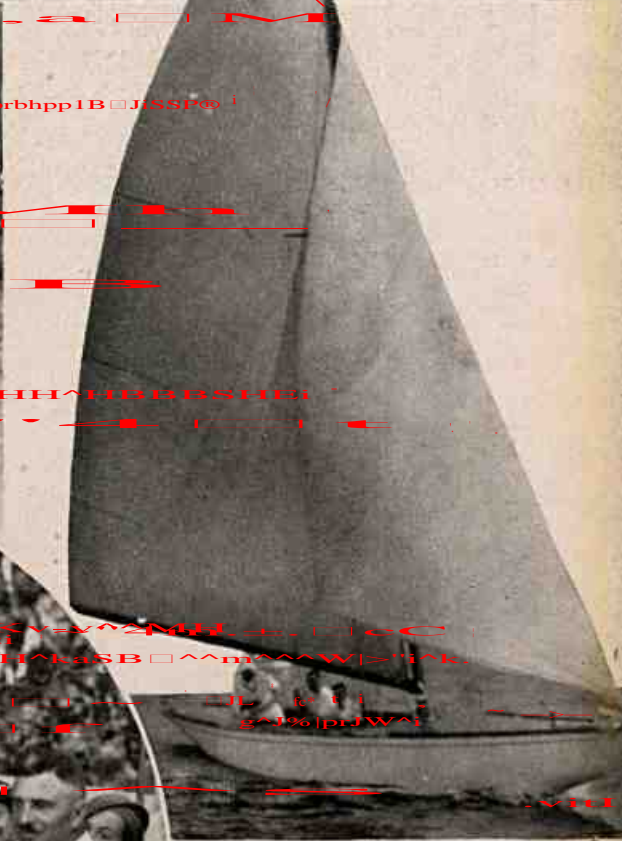
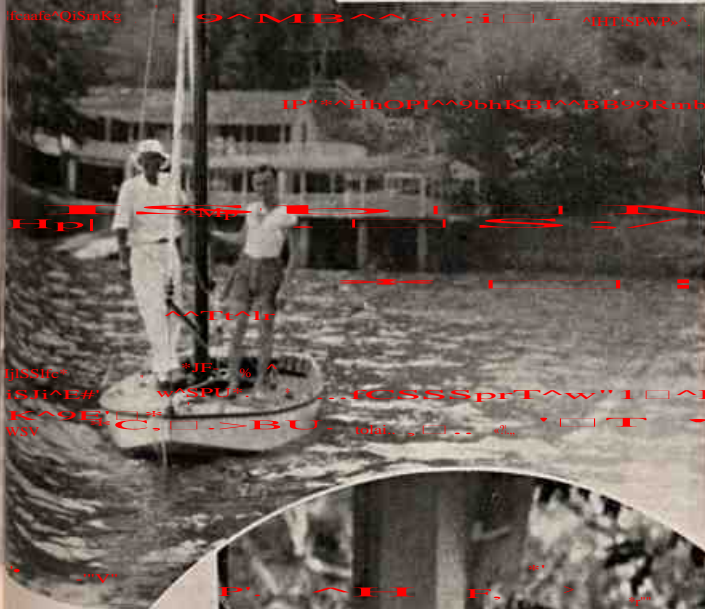
Casos de miseria existem resultantes da elevação da honra a tal grão de nobreza, que até pessôas incapazes de igual sacrificio pasmam de admiração.

Não é tão sómente merecedor de encomios o que se póde fazer, mas o que se não aprendeu ou não teve coragem de fazer.

Embora todos a evitem, a miseria que procura afastar do seu caminho a ignominia possue o seu quinhão de riqueza...

Alexandre Passos

A galante Regina Summer, estremecida filha do dr. George Summer, cathedratico do Collegio Pedro II e figura de relevo no magisterio carioca, no dia de sua primeira communhão.

Foi uma festa do mais fino encanto espiritual, a «soirée» de declamação das alumnas de Maria Sabina, realizada no Studio Nicolas, séde do Movimento Artistico Brasileiro. No programma, que foi rigorosamente escolhido, graças ao gosto da poetisa de «Agua Dormente», tomaram parte todas as senhoritas que frequentam o curso de Maria Sabina. E todas ellas, que demonstraram o maior aproveitamento, foram calorosamente applaudidas.

O Rio Sailling Club, de Nictheroy, promoveu, domingo passado, na enseada fronteira a sua séde, na vizinha capital, uma brilhante regata a vela, em homenagem ao Yatch Club Brasileiro, que na mesma esteve representado por varios dos seus melhores elementos. Esta pagina focaliza alguns detalhes empolgantes desse lindo torneio aquatico.

Os antigos alumnos do revmo. padre Fabricio Ceccaron reuniram-se, na semana passada, no Collegio de Santo Ignacio, para commemorar o jubileu sacerdotal daquelle illustre membro da Companhia de Jesus, a quem foram prestadas, então, significativas homenagens, de que offerecemos, aqui, dois aspectos. O padre Fabricio Ceccaroni entre os manifestantes e quando agradecia tão commovente preito ás suas virtudes e ao seu saber.

Instantaneo tirado no momento em que o avião «Guanabara», da Condor, especialmente fretado pela Casa Bayer, recebia uma tonelada de medicamentos para São Paulo, duas horas depois da abertura do porto de Santos. Foi essa a maior carga de mercadorias que até agora um avião commercial já transportou de uma só vez no Brasil. A Casa Bayer reiniciou, assim, as suas relações commerciaes com o Estado de São Paulo, velho e grande freguez dos conceituados laboratorios allemães.

HISTORIA

De Monte Branco

A mulher, que sorria sempre, tinha os olhos cheios de tristeza, como que immersos numa visão longínqua de felicidade.

* * *

Alguem perguntou um dia, por que ella ria tanto, si tinha os olhos tão tristes.

* * *

A mulher que sorria sempre, e tinha os olhos cheios de tristeza, disse que não sabia mais chorar...

Eva confessou: O menino era o filho do seu amôr.

Tu serás mãe

com Ruth Chatterton, Paul Lukas e Robert Ames

Conselhos... da experiencia.

O casal Redman é relativamente feliz, mas não tem filhos. A esposa, Eva, senhora na flôr da idade, queixa-se uma vez por outra ao marido dessa falta, sem que esse facto turve a paz da familia.

—Devemos esperar com paciencia, Eva; outros estão casados ha mais tempo, e continuam a esperar, —observa o marido.

Eva conforma-se com o que diz o esposo, mas no intimo não se lhe apaga o desejo que tem de ser mãe de ver um rebento do seu ser a chamal-a com esse "mamã" delicado, que é o encanto das mulheres bem dotadas.

Um dia chega á cidade on elles residem um medico de grande nomeada—o dr. Nicholas Faber — que vem de Vienna fazer uma série de conferencias nessa e em outras cidades americanas. Convidára-o a directoria da Universidade, e, não havendo no momento commodos vasios no melhor hotel do lugar, resolve o reitor pedir aos Redman que o recebam na sua ampla vivenda, por alguns dias.

A esposa de Guéil Redman — assim se chama o marido de Eva — não põe nisso a menor duvida. Até estima essa honra, diz ella ao reitor. A' chegada do marido, communica-lhe Eva o occorrido e

Guéil, por seu turno, sente-se satisfeito com a decisão tomada pela esposa.

—Ha de ser um desses velhótes bisonhos—commenta Eva,—e com elle muito nos divertiremos. Sim, tenho cá minhas suspeitas que ha de ser um velho assim como o papá, lembras-te delle Guéil ?

Ao chegar o dr. Faber, tem Eva uma grande surpresa: o scientista de Vienna é bastante jovial e sympathico: um cavalheiro ainda na flôr da idade. Tambem elle fizéra os seus planos sobre a mulher em cuja casa lhe disséra o reitor devia hospedar-se e julgára-a velhusca e gorda. Imagine-se o seu assombro ao se lhe deparar uma creatura gentil e tão bonita como Eva !

As conferencias do visitante são muito bem frequentadas. Eva, pelo menos, não perde uma, siquer. Disso nasce uma grande sympathia entre a esposa de Guéil e o famoso psychologo. Num "pic-nic" offerecido ao visitante, e onde o marido na sua costumada affeição aos esportes, deixa a mulher aos cuidados do estranho, seguem os dois de enlevo em enlevo, pelo bosque da propriedade, e lá no escuro das sébes, como sempre acontece desde que o mundo é mundo, vem o primeiro beijo.... Através das confidencias trocadas sabe o dr. Nicholas que para completar a felicidade de Eva só falta um filho... e esse filho, reflexo desses idyllios felizes, não tarda a vir aureolar de alegria o lar da familia Redman. Mas o galante visitante voltára para Vienna, sem saber, entretanto, que a sua passagem pela America tivesse tido tal resultado.

Elle era seu pae!

Decorrem sete annos. O dr. Nicholas, entregue aos seus estudos no seu paiz, quasi que se esquece da hospitaleira senhora americana. Mas um novo convite, desta vez proveniente de uma universidade de Chicago, obriga-o a fazer outra visita aos Estados-Unidos. O pequeno Christian, filho do casal nosso conhecido, tendo soffrido uma desastrosa quéda de um cavallo, acha-se gravemente enfermo. O medico da familia exgotta todos os recursos, sem domar a febre que se apoderára do menino. Certo dia, com o filho á morte, Eva ouve pelo radio a voz de Faber, que irradiava de Chicago uma das suas conferencias. "Só elle o poderá salvar"—exclama a afflicta senhora comsigo mesma. E sem mais delonga chama a estação irradiadora pelo telephone. Do outro lado da linha responde-lhe o doutor, sem saber ainda com quem fala.

—Sou eu, Nicholas... Eva Redman... Meu filho está muito mal, Nicholas, e só tu o poderás salvar. Vem, Nicholas, sem demora.

O dr. Faber chega e, applicando-lhe os seus methodos de tratamento por suggestão, consegue salvar o menino.

E só depois, quando havia passado o vexame da familia, é que a sós com Eva, pergunta-lhe Faber si Christian era o filho adoptivo que ha sete annos ella pensava obter de um orphanato. Eva nada lhe diz, mas os seus olhos, que se inundam de lagrimas, revelam todo o segredo. Faber, por sua vez, enche-lhe as mãos de beijos ao comprehender a identidade do menino.

Nicholas lembra-se, então, que Eva não era muito feliz com o marido, antes do nascimento do filho, e propõe-se a leval-os a ambos consigo, de volta para Vienna.

—Impossivel, Nicholas—murmura-lhe Eva. Guéil adora o menino e ser-me-ia mais do que a morte ter de dizer-lhe que elle não é seu filho. Amo-te, Nicholas, mas o meu lugar é aqui, ao lado daquelles que me amam...

PAPAE POR ACASO

No armazem de modas.

Producção: PATHÉ PICTURES

com

Eddie Quillan — Sally Starr

e Frances Upton

WILLIE Mhuser, assistente de um arrumador de vitrines, é o bóde expiatorio de Tracy, especialista em roupas. A especialidade delle é ser despedido, para satisfazer ás reclamações dos freguezes da casa.

Willie sae por uma porta e entra por outra. Um dia, assume a responsabilidade que um homem casado e honesto não póde assumir; e, em recompensa recebe uma gratificação de dez dollars. A' tarde, Willie vae até o banco depositar o dinheirinho e, no caminho, detem-se para examinar um carro que é uma propaganda em beneficio de um orphanato. Atraz do carro está uma linda creança que é levada por Nary, uma "nurse". De tal modo elle exhibe o dinheiro, que Nary o toma e lhe dá um recibo. Mais tarde, quando elle encontra esse recibo, faz uma alarmante descoberta: — está obrigado a pagar dez dollars, semanalmente, para a manutenção do bebé.

Willie corre até o orphanato para explicar que não póde assumir aquelle compromisso. Nary encanta-se por elle, julgando-o um rapaz rico da cidade.

A felicidade!

Willie acaba amando tanto a *nurse* como o bebé, e, resolvido a attender ao pedido da moça, arranja um emprego como *garçon* de um *cabaret* e todas as semanas vae visitar a joven e o pequeno Oscar.

Uma noite, ouve um senhor Vanderman falar em adoptar o pequeno. Fala a Nary a respeito do caso e ella lhe suggere a idéa delle mesmo adoptar o garoto.

Mas, como arranjar os duzentos dollars para esse fim? Vanderman vae ao orphanato e fica sabendo que elle tem sustentado o filho de seu filho, Wanderman neto.

A directora e Nary ficam indifferentes á decepção de Willie que

O gury tivera a sorte de aranjar um pae.

Seriam tres corações em um só!

deixa o orphanato bastante aborrecido. Willie, naquella noite, planeja uma propaganda na casa onde trabalha, afim de ganhar mais e poder raptar Oscar, e, já dono do coração de Nary. Corre até a casa Tracy e alli sabem que foi promovido a chefe das vitrines e que foi augmentado em duzentos dollars por mez.

Prova a Vanderman que Oscar não é seu neto e, assim, conjunctamente com Nary, toma conta da criança por toda a vida.

O QUERIDO ASTRO INFANTIL DA METRO-GOLDWYN-MAYER

A nobreza, os estadistas, os grandes chefes de industrias, todas as figuras de relevo no mundo luctam, quem sabe?, com difficuldades para estabelecer o seu programma diario.

Isto, entretanto, não acontece com Jackie Cooper, astro infantil da Metro-Goldwyn-Mayer. O menino tem, com effeito, chronometricamente disposto o que tem que fazer durante o dia. Auxiliado por sua mãe, arranja-se admiravelmente para cumprir os seus deveres e dispôr de tempo sufficiente para os seus brinquedos.

Quando está trabalhando em alguma producção, Jackie tem que se apresentar nos studios ás nove da manhã. Isto significa que deve levantar-se ás sete, para ter tempo folgado de se vestir e tomar café.

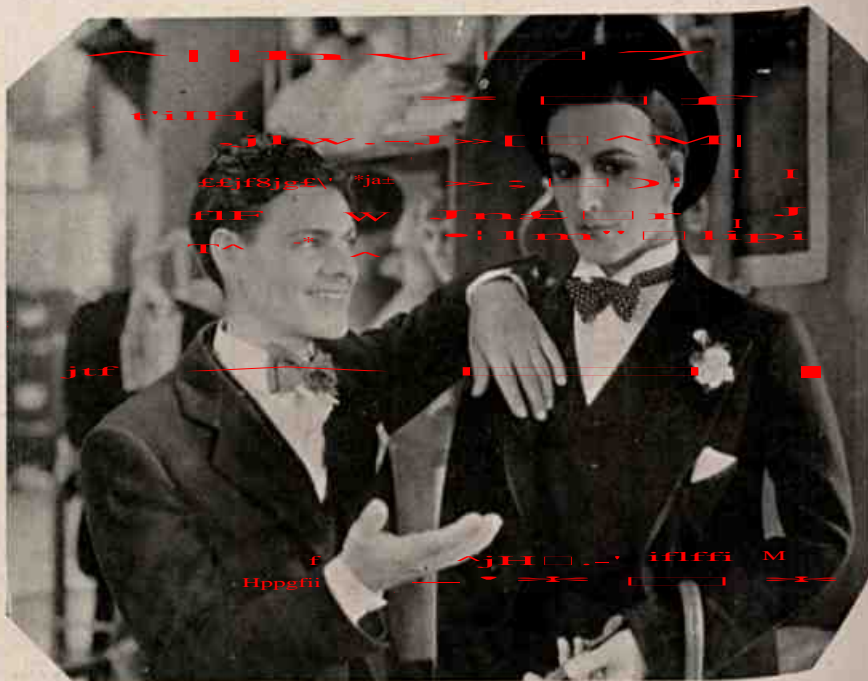
Mal abre os olhos, Dink, seu cão, que parece adivinhar a hora em que desperta seu amo, salta sobre a cama e os dois começam a brincar e a correr pelo quarto. Meia hora depois, Jackie veste-se com a roupa que tem que usar nesse dia deante da machina cinematographica, sahe para o seu passeio matinal, acompanhado de seu cão, e dá algumas voltas emquanto preparam o café.

Geralmente volta com grande apetite, e é então que tem um momento desagradavel: o de pentear-se. Seu cabello é crespo, uma das coisas com que Jackie mais se complica. Gosta de pôr o cabello para traz, em vez da linha que usa na maior parte de seus papeis deante da machina cinematographica.

Depois de se pentear, desce para o seu "breakfast", que consiste em flocos de aveia, dois ovos quentes, chocolate e torradas.

Quando termina, Jackie corre á garage, que fica nos fundos da casa, afim de tomar o automovel para ir aos studios. Logo que o motor começa a funccionar, o joven avisa sua mãe, tocando a buzina, para que ella desça, afim de irem juntos.

Ao chegar ao scenario, si não trabalha na primeira scena que se filma, Jackie vae á escola dos studios, onde faz por aprender o mais que pode nas suas tres horas diarias de instrucção. Quando tem de appare-

(Conclúe na pagina 50)

Contando os seus segredos ao manequim.

"EXCUSEME", JOHN ELLIS!

OS jornaes publicam telegrammas de Rochdale, na Inglaterra, noticiando que foi encontrado morto, em sua residencia, apresentando profundos ferimentos no pescoço, feitos a navalha, o antigo carrasco official britannico — John Ellis. O executor dos mandatos de morte da justiça ingleza, que apertára a corda á garganta de tanto criminoso célebre, vendo-lhes os corpos, macabramente, dependurados da trave sinistra, suicida-se, accrescentam as folhas, atormentado, talvez, pelos remorsos. Não sei. Póde ser que no *otium cum dignitatem* de sua aposentadoria lhe tivesse vindo, acordando-lhe a consciencia, esse tardio arrependimento. Porque, quem tenha lido as suas "Memórias" não acreditará que esse sentimento lhe pudesse acudir um dia, tão identificado estava elle com a sua horrivel profissão. E não sómente elle, mas a sua familia, sua mãe, sua esposa, as pessôas de sua maior intimidade.

* * *

Eu travei relações com John Ellis, ha de haver quatro para cinco annos. O carrasco inglez publicára as suas "Memórias", em varios capitulos, que vinham desde o seu aprendizado na prisão de Newgate. A direcção de um vespertino, que me acolhêra como seu redactor, adquirira á "International News Service" a exclusividade de sua edição no Brasil e commettêra a mim o encargo de ir dividindo os diversos trechos e capitulos illustrados, para cada numero do jornal, attendendo ás exigencias da paginação, sem esquecer a consideração devida á ansiedade e aos nervos dos leitores. Acontecia que a traducção, feita naturalmente longe do Brasil, por escriba pouco versado no idioma que tomámos á gente lusa, deixava um tanto quanto a desejar. O traductor fizéra um trabalho profundamente literal, frio, reflectindo a racial fleugma do narrador. Eu recordei o adágio peninsular e fui enxertando, aqui e alli, palavras e phrases, que impressionassem, não me afastando, porém, do original. Até ahi não ia o meu "traduttore, tradittori", dos italianos.

* * *

Si me não engano, por essa época, José do Patrocinio, filho, publicára o seu livro *A sinistra aventura*, que era um relato do famoso episódio em que elle se vira envolvido, com aquella deliciosa mulher que foi a Mata-Hari, e de cujas irremediaveis consequencias escapára, graças á intervenção da diplomacia brasileira. O escriptor falava na prisão de Brixton, onde estivéra, e da sua convivencia com Tchitcherini, seu companheiro de cellula. Assim, ao chegar ao capitulo XI das "Memórias de um carrasco", uma idéa me atravessou o cérebro. Encontrára eu lá este paragrapho:

"Raramente tenho eu deixado a minha casa e entrado na prisão, sem que tenha sido autorizado a fazer todo o meu trabalho e executar o homem que tinha ordem de enforcar."

E, então, nesse ponto bravamente, corajosamente, intercalei estas phrases:

"Caso raro na Inglaterra foi o de um brasileiro, que esteve envolvido num escandaloso processo, durante a guerra, com uma dançarina célebre. Cheguei a ir observal-o na prisão em que se encontrava com Tchitcherini, o famoso agitador russo, tomando nota do comprimento da corda necessária para o seu enforcamento. Elle era pequenino e franzino e tres pés e meio chegariam perfeitamente. Mas, a intervenção das autoridades do seu paiz livrou-o de dependurar o seu corpo nervoso e irrequieto na corda do patibulo. Mas, casos como esse não succedem com frequencia."

Depois de enviar para a machina esse trecho, tive um momento de receio. E si Patrocinio protestasse e se viesse a apurar que semelhante coisa não es'ava no original? Cheguei a evital-o, nos primeiros dias. Mas, Zéca era um formoso espirito independente, a quem não impressionavam umas tantas frivolidades. Tirou até partido do inc'dente. Quando a roda de rapazes da imprensa, que não o largava, ouvindo-lhe e annotando os *canards* de immensa *verve*, o interpellou a respeito, Zéca soltou azas á sua fantasia prodigiosa offerecendo pormenores do facto, ao tempo que illustrava a sua palestra com aquella gesticulação muito sua, em que o braço e a mão, segurando a piteira negra e muito comprida, descreviam estranhas e complicadas figuras geometricas, no ar...

E indo á Bahia, Zéca annunciou uma conferencia sobre a sua "sinistra aventura". E, a titulo de reclamo, publicou: "—Veja-se o que, a proposito do autor, escreveu John Ellis, o famoso carrasco oficial inglez". E lá vinha o meu innocente enxerto...

Agora, noticiando o suicidio de Ellis, um outro vespertino carioca estampou o desenho que aquelle curioso Jefferson pôz na capa do livro de Zéca e escreveu:

"Um cidadão do Brasil, a quem foi tomada a medida do corpo para o calculo da medida da corda: Elle não cita o nome. Mas, nós sabemos que era José do Patrocinio Filho, o saudoso "Zéca", o prisioneiro de Brixton, que trouxe das masmorras inglezas "A sinistra aventura", esse livro que só não foi célebre porque é brasileiro..."

* * *

E' tempo de esclarecer. A anecdota, do contrario, correrá mundo. John Ellis acaba de se matar na sua pacata Rochdale, golpeando, tragicamente, o pescoço, com uma navalha. Castigou em si a parte do corpo que elle, vezes sem conta, visára nos outros. Zéca, ha tres annos, na França, que elle tanto queria, deixou-se morrer, verdadeiro perdulário da vida, que elle foi. Zéca apadrinhou o "bluff" e até o aproveitou como preconício. Mas, John Ellis, positivamente, nunca soube do que fizéra ás suas chronicas um obscuro jornalista do Brasil. E morto, será bom respeitar-lhe a alma... Não é razoavel consentir que se brinque com almas do outro mundo, principalmente, quando essa é a de um antigo carrasco...

* * *

"Excuseme", John Ellis!

ABELARDO ARAUJO

Sergio de Chessin — A NOITE QUE VEM DO ORIENTE — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 6$

TRADUZIDO do original francez, esta obra figura na collecção de inqueritos sobre a Russia. Contém uma série de observações interessantes, dispondo-se o autor a provar que o bolchevismo é uma intoxicação de ordem geral, uma lepra monstruosa que degrada as almas e corróe o pensamento, encarado como doutrina universal.

Renato Travassos — COLLECTANEA DE SONETOS DE AMOR — Renascença Editora — Rio — 1932 — 5$

RENATO TRAVASSOS, que é um bello poeta, explica-nos a razão deste livro. "Hoje, como outróra, o amor domina e tudo vence, e é por elle que o mundo póde, ás vezes, transformar-se em paraiso... E' o que nos affirmam os amorosos, e destes os que melhor o fazem são ainda os poetas. Tendo, por isto, que seria interessante um livro de sonetos lyricos, producto de temperamentos differentes, — reunimos em volume as paginas que se seguem. Ao fazêl-o, não tivemos, porém, o proposito de apresentar a publico uma *selecta*, mas, sim, uma simples *collectanea*, na qual pudéssemos incluir tambem algumas paginas da nossa propria autoria." Merece applausos o criterio adoptado pelo autor. Entre os sonetos do livro, figuram alguns de Castro Alves, Luiz Delfino, Alberto de Oliveira, Bilac, Raymundo Corrêa, Vicente de Carvalho, Martins Fontes, Humberto de Campos, Hermes Fontes, Adelmar Tavares, Olegario Marianno, Guilherme de Almeida e tantos outros *astros* da poesia brasileira. Estão de parabens, os amorosos...

Karl May — PELO KURDISTÃO BRAVIO — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 6$

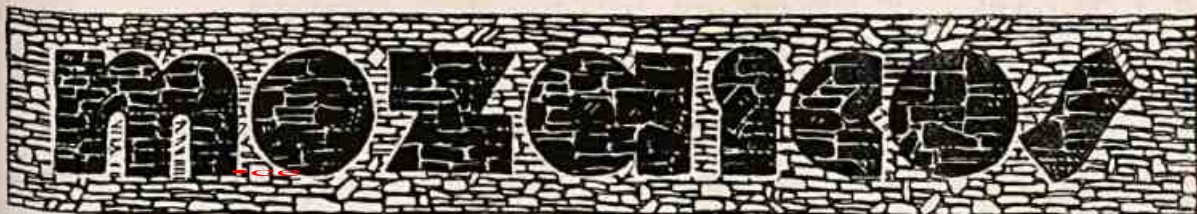
MAIS um livro do famoso novellista allemão acaba de ser traduzido para a nossa lingua. São 480 paginas movimentadas, curiosas, que revelam o grande poder inventivo do escriptor que o publico já conhece, através de outras obras interessantes.

Fernando Magalhães — CARTILHA DA PROBIDADE — Renascença Editora — Rio — 1932 — 5$

OUTONO... Caem as folhas desmaiadas. Prenuncio de saudade. O tronco perderá a ramagem que foi verde. Hora melancolica, mas consoladora... E eu direi o que penso da vida... Ouvir a palavra eloquente de Fernando Magalhães constitúe um dos melhores prazeres para o espirito. Consagrado orador, elle tem o poder de fascinar o auditorio, arrebatando, inflammando os temperamentos mais frios. Estava-nos reservado este outro delicioso encanto, o de sentir o philosopho pensar, através do livro. O outomno da vida é a phase da serenidade. E' quando melhor podemos apreciar o que ficou atraz... Especie de parada que o espirito faz, para a consoladora esperança da eternidade...

Só então podemos aconselhar, clamando: *Viverás do amor dos que se foram, para o amor dos que hão de vir.* Ou advertir: *Encontrarás a verdadeira alegria na utilidade da tua vida.* No outomno falamos para os que vivem embriagados pela miragem enganadora da primavera... Que importa, si os moços não se apercebem da belleza dos dez mandamentos deste livro? Basta que os espiritos de eleição o comprehendam. Resta-nos a consoladora certeza de que Fernando Magalhães chegou ao outomno, mas, não assiste com scepticismo ao cahir das folhas desmaiadas. Numa linguagem attica, desabrocham todas as riquezas da alma do pensador, nestas paginas fulgurantes de enthusiasmo e de crença. Esta obra deixa de ser uma cartilha sem expressão, para se transformar num hymno em louvor ao Brasil, terra maravilhosa, terra de bondade, acolhedora, meiga, generosa! *Exultarás de bondade e de justiça pela grandeza do Brasil.*

Mas, devemos fixar o derradeiro mandamento do livro: *Não esquecerás nunca que o mesmo céu vela sobre todos os povos.*

Um grande livro!

O ENGENHO DOS SPARTANOS

Segundo parece, os habitantes de Sparta não eram tão desprovidos de engenho como diziam os athenienses. Plutarcho cita as seguintes passagens da vida dos lacedemonios:

A uns deputados de Samos, que tinham feito larga falação, responderam, uma vez: "Esquecemos o principio e não entendemos o final porque, justamente, não nos lembravamos do principio!

Defenderam os thebanos certas pretenções contrarias ás de Sparta: "Precisai — disse um lacedemonio — ter menos orgulho ou mais força".

Um individuo que olhava um quadro representando spartanos mortos por athenienses, dizia: "Que valentes que são esses athenienses!" — Sim, essa pintura — juntou um spartano.

OS VEGETAES LUMINOSOS

Mais importante ainda que o espectaculo dos animaes luminosos é o dos vegetaes que possuem a mesma propriedade. Não se esquece facilmente o aspecto de um tronco de arvore cahido e meio apodrecido, do qual, na obscuridade da noite e da matta emana uma luz branca, amarellenta. Quanto mais quente é a zona tanto mais frequentemente se observa este espectaculo.

No Brasil e na Australia, por exemplo, medram arbustos que os indigenas chamam "de fogo" e que, na technologia botanica têem a denominação de "agaricus gardneri". Taes arbustos produzem uma forte luz esverdinhada. Outras especies desta mesma classe de plantas encontram-se em grande numero na Australia, India e China.

A maioria das plantas luminosas pertence ás classes mais inferiores da flora, como as algas e outras. São parasitas e vivem nos troncos e nas raizes das arvores cahidas, explicando-se por isto mesmo a luminosidade destes.

Tambem existem flores de jardim, luminosas, que produzem luz por certos momentos, e ao amanhecer, emquanto as parasitas têem uma luz constante e invariavel.

UMA HISTORIA TRISTE

ERA a joven mais formosa de Broadway, do typo preferido pelos pintores da Renascença.

O genero de beldade deante do qual se inclinam reverentes os humildes camponezes do sul da Europa, que idolatram de seres frisa os banqueiros da America do Norte...

Mas ella não chegára ao club nocturno pela via usual do bataclán. Apenas um anno antes, segundo era voz corrente e procurava divulgál-o num bom agente de publicidade, a joven vendia cigarros em um restaurante economico dos suburbios. Esperavam-na lisongeiras perspectivas na comedia musical, e corriam rumores de que vacillava entre um contracto de mil dollars por semana e o casamento com um homem rico e de alta posição social. Possuia voz sufficiente para o theatro, distincção nos modos para figurar dignamente em sociedade... Tinha somente vinte annos, e continuaria tendo-os por espaço de outros dez...

O club encheu-se rapidamente do publico que sahia dos theatros. Aquelle recanto era o mais seductor do Broadway nocturno, e seus frequentadores, em sua maior parte, eram muito distinctos, a nata da sociedade nova-yorkina. Por outro lado, aquelle club era refinado e elegante. Não se viam ébrios, nem *raids* policiaes, nem outras scenas desagradaveis. Era, de certo modo, um templo elevado á belleza — a belleza de uma só mulher. E aquelle templo tinha o melhor *chef* de cozinha francez e a mais melodiosa orchestra hungara de ciganos que se pudesse encontrar em Nova-York.

Dois homens occupavam aquella noite a mesma mesa num recanto escuro. Evidentemente não se conheciam. Mais ainda... era provavel que nem siquer houvessem notado sua respectiva presença, porque ambos estavam absortos contemplando a divina Clota Marlowe. O mais moço tinha feições correctas e harmoniosas, olhos negros e uma altivez de grande senhor. Extático, marcava o compasso sobre a mesa com dedos febris, emquanto Clota dançava um numero baccanal, com sua ondeante cabelleira de oiro e seu esbelto corpo contorcendo-se em plásticas cheias de exotismo, inspiradas sem duvida por seu maestro o coreógrapho russo Michael Balmashev.

O homem que se achava sentado no outro extremo da mesa era mais velho. Seus olhos ardiam como carvões accesos que não conseguia afastar de Clota, apesar de fluctuar, em seus labios, um eterno sorriso irónico, em torno de um cigarro barato e semi-apagado.

Clota deixou ver seu candido sorriso, fez uma reverencia, e não concedeu mais bis. Seu publico era bem educado e não insistiu. Ella inaugurava e fechava o programma, e todos novamente se sentavam para contemplar os numeros de *varietés* que estavam a cargo das bailarinas do *cabaret*, jovens e bonitas.

O joven voltou tambem a sua mesa, que abandonára para applaudir freneticamente. Parecia subitamente alliviado de uma tensão nervosa esgottadora, e extendeu seus dedos trémulos para o copo que não tocára ainda. Experimentou um sobresalto ao ver que tinha um companheiro de mesa, suspirou, e se permittiu sorrir, demasiado alegre para conservar sua habitual reserva. Puxou a carteira e offereceu-lhe um cigarro.

— O seu está apagado ha muito tempo — observou. — A mim costuma succeder coisa peor quando Clota apparece em scena. A primeira noite devorei seis azeitonas com seus respectivos caroços antes de comprehender o que succedia.

— Obrigado — respondeu o outro, lançando uma baforada de seu cigarro.

Um ladrão correcto marca na caixa registradora o dinheiro que roubou...

De Helen Brehm Long

— E' esquisita... não é verdade? — continuou o joven, ainda mais exaltado pelo copo de vinho que acabava de tragar.

Os olhos de seu interlocutor contemplaram seu enthusiasmo com certo desapontamento.

— Sim... E' uma garota que progride continuamente — concordou.

— Já a ouviu cantar?

— Sim. Tem uma bella voz e conseguiu transformar em um theatro este *cabaret*. Mas esteve quasi perdendo tudo...

O joven franziu a testa, esboçando uma cortez interrogação. Todos tinham algo a dizer a respeito de Clota, bem o sabia. Que fábula absurda lhe iam contar nessa occasião? Aquelle agente de publicidade ganhava dignamente o seu salario. Mas, depois de tudo, faltavam quinze minutos para que ella reapparecesse em scena, e não perdia nada em escutar.

— Ella merece o prestigio que conquistou — manifestou, com enthusiasmo. — O que se diz acerca de suas origens humildes é a pura verdade. Conheço o restaurante dos suburbios onde vendeu cigarros...

Beberam mais uma vez...

— Por acaso já ouviu falar em Thomaz Leddy? — perguntou o outro.

— Não.

— Sem duvida, o senhor era muito moço para conhecêl-o em seus bons tempos. Leddy era dono deste *cabaret*... Chamemo-lhe club nocturno. Tambem possuia o restaurante suburbano a que alludi. Ha quatro annos, era uma potencia no genero... Bem... De nada vale andar com rodeios. Eu sou Thomaz Leddy.

O joven bateu a cinza de seu cigarro, e observou, com ar reservado:

— De modo que o senhor... é Thomaz Leddy? Creio recordar, mas estive na Europa durante alguns annos... Falou-se bastante acerca do senhor nos jornaes norte-americanos.

— Bastante, sim... Ha poucos dias, sahi da cadeia. E vim ver os amigos e os recantos de outros tempos...

— Supponho que terá notado varias transformações.

— Quanto ás coisas, não mudaram muito, apesar de que, outr'ora, na orchestra tocavam os saxophones em logar das cithara. As pessôas é que mudaram muito...

Riu com amargura, e continuou:

— Sim... As pessôas mudaram muito... especialmente Clota... Eu costumava chamál-a Baby, quando ella era minha amiga... A vida assim...

Fez uma pausa, e, com ar confidencial, proseguiu:

— Sem duvida, o senhor me julgará um embusteiro ou um bebado. Mas é a pura verdade. Ella foi minha, embora estivesse casada com um cavalheiro de Riverside Drive. Seu marido se portára bem com ella, mas sua companhia a enfastiava... De qualquer maneira, creio que aquella noite não pensou muito bem no que fazia...

Lançou uma baforada e, com voz rouca, proseguiu:

— A primeira coisa que Clota encontrou ao alcance de sua mão foi um vidro com o rotulo "veneno". Era para uso externo, mas elle o poz

(Continúa na pag. seguinte)

— Como seu marido é madrugador!
— Sim. Elle tem que despertar as gallinhas, porque o gallo nos morreu hontem.

UMA HISTORIA TRISTE

[CONCLUSÃO]

no chá. O tal cavalheiro morreu immediatamente. Então, ella se assustou e veiu ver-me chorando, para supplicar-me que a protegesse, porque tudo o que fizéra fôra por mim... Pois bem, meu amigo... A principio, senti-me inclinado a inventar uma mentira a proposito de suicidio... Depois, parecendo-me difficil, affirmei que seu marido havia sido envenenado por um licor de contrabando que se vendia em meu club, e paguei a dois rapazes de minha orchestra para servirem de testemunhas, declarando ter soffrido tambem os effeitos do tal licor. Naquelles dias, o povo levava a serio a lei sêcca, e a bebida não era de tão bôa qualidade como a que se póde conseguir agora... Sem duvida, o senhor terá lido o resto nos jornaes... Condemnaram-me a tres annos de prisão, mais fui cumprir a pena com relativo prazer, uma vez que Clota ia esperar meu regresso. O restaurante dos suburbios passou ao poder do advogado que me defendêra... e eu commettia a loucura de inscrever este *cabaret* no nome della. Mas não a culpo muito. Ella amassou seu ninho e eu fiquei arruinado. Ninguem continuaria frequentando o *cabaret*, si este ostentasse meu nome... Ninguem queria ser envenenado... Não lhe parece logico?... Ao cabo de um anno quando o escandalo já pertencia ao passado, ella reabriu o *cabaret*. Havia tomado lições de canto com um italiano, e lições de baile com um duque russo. Soube aproveital-as, porque é uma mulher intelligente... Não o nego. Era bonita quando a conheci, mas seu typo estava ainda muito longe daquelle typo de salão que ostenta agora. E descobri hontem que Clota esqueceu inteiramente Thomaz Leddy, o vidro para *uso externo* e outros detalhes suggestivos...

Bebeu.

— Teve propostas matrimoniaes de varios aristocratas. Mas me disse que se vae casar com um homem riquissimo da sociedade nova-yorkina, cuja familia é muito distincta. Carlos Vaudeubeck... Está percebendo? Figurará no guia social como senhora Carlos Vaudeubeck... Mas não a culpo por ser ambiciosa. Fui um estupido, e só eu sou o culpado. Póde ser que ainda consiga um emprego nalguma orchestra, mas, com a moda das fitas sonoras, me parece difficil... De qualquer modo, Clota não quer ver-me por aqui... Hontem, me emprestou dez dollars, mas me deu a entender que serão os ultimos...

Repentinamente, se fez um profundo silencio em torno, e Clota appareceu no scenario. Dessa vez, cantou um *blue* angustiante, no qual verteu toda a amargura da raça negra, todo o dramatismo de sua alma solitaria...

— Santo Deus! — suspirou Thomaz Leddy — eu havia esquecido que ella era capaz de cantar assim!

Voltou-se para seu companheiro de mesa, e o viu estranhamente silencioso.

— Que tem, joven? — perguntou. — O senhor é o unico homem triste do *cabaret*...

E ajuntou, baixando a voz:

— Escute... Contei-lhe uma porção de mentiras acerca de Clota, pretendendo ter sido seu amigo e conhecer toda sua historia... Bem... Pois, como deve saber, mais de um procura abalar o prestigio de uma mulher famosa como Clota... E, sobretudo, seria ridiculo que o senhor acreditasse nas palavras de um homem que bebeu não sei quantos copos, como eu... Rogo-lhe que não repita nenhuma das mentiras que lhe contei... Faça-me esse favor... Esqueça-os... e dê-me a mão para sellar sua promessa. Como se chama o senhor?

— Carlos Vaudeubeck — respondeu o outro, com um riso trágico e os olhos chammejantes.

O homem que achou uma carteira...

JUSTO FELICIANO, o negociante de cereaes, não era precisamente um avaro, mas um defensor de seu dinheiro, e não gostava de gastál-o inutilmente.

Assim, ás quintas-feiras ia ao mercado proximo para comprar ou vender cereaes, em vez de ir gastar vinte ou trinta mil réis no hotel da "Sala Verde", com seus collegas Margarin, Bondiola e Chonillino. Sentava-se tranquillamente em um banco da praça, tirava do bolso um pedaço de pão e um pedaço de carne, e satisfazia a seu apetite do mesmo modo como si saboreasse o menú de um hotel afamado.

Mas, uma quinta-feira, aconteceu que, ao sentar-se no banco de costume, e quando tirava do bolso um pedaço de toucinho e pão, viu a seus pés uma carteira velha de couro amarello, que parecia cheia. Depois de olhar em todas as direcções para ver si alguem o observava, recolheu a carteira e a metteu no bolso, deixando para revistál-a em outra occasião. Começou seu frugal almoço, mas a carteira queimava-lhe o bolso, aguçando-lhe a curiosidade de ver o que a mesma continha, e essa impaciencia até lhe tirava o apetite. Embrulhou de novo o toucinho e o pão, levantou-se e dirigiu-se ás margens do rio, logar deserto, onde não corria o risco de ser surprehendido.

Quando se encontrou sob as arvores que alli se erguiam, tirou a carteira do bolso, abriu-a e poude verificar que continha trinta bellas notas de quinhentos mil réis. Deante dessa pequena fortuna, Feliciano, soffreu quasi um desmaio. Depois pensou:

E' preciso ser muito estúpido para perder quinze contos!

Nem por um minuto lhe passou a idéa de entregar a carteira na delegacia. Assim, tirou o dinheiro, collocou-o na sua carteira, e, como a outra estava muito usada e suja e não tinha valor algum, a confiou ás aguas do rio, que a um kilometro dali se iam despejar em outro maior. Feliz com seu achado, e satisfeito por não ter perdido o tempo, se dirigiu á estação, afim de tomar o trem, de regresso a sua casa.

Encontrava-se na *gare*, com Margarin, Bondiola e Chonillino, quando um homem de cara vermelha, vestindo uma blusa longa como a que usam os negociantes em cereaes, se precipitou para elle e lhe disse:

— Foi o senhor quem achou minha carteira debaixo de um banco da praça.

Feliciano não se alterou e respondeu:

— Eu?! O senhor está louco!

— Viram-no apanhál-a! Continha quinze contos. Devolva-mos!

— Eu? Si a houvesse encontrado.... Mas o senhor não sabe a quem se dirige. Pergunte a esses senhores si eu sou capaz de apoderar-me de um dinheiro que não me pertence.

E assignalou Margarin, Bondiola e Chonillino, que juraram que Feliciano era incapaz disso e que para elle quinze contos de réis não significava nada, pois era homem rico.

O homem da blusa, então, retirou-se.

Feliciano teve mêdo, no emtanto.

Chinillino disse-lhe:

— Mas é claro! Andas vestido de uma fórma que pareces um vagabundo... Não é estranho que inspires desconfianças.

Feliciano reconheceu a justeza dessas palavras. Assim, logo que chegou em casa, sem participar o achado a sua mulher, lhe disse:

— Tens que ir encommendar tres vestidos á senhora Layarse. Não se póde viver assim.... Eu tambem vou mandar fazer uns ternos para mim.

A mulher ficou de bôcca aberta.

— Quanto á comida — accrescentou Feliciano — pódes exceder-te um pouco mais.

— Enlouqueceu, sem duvida — pensou sua esposa.

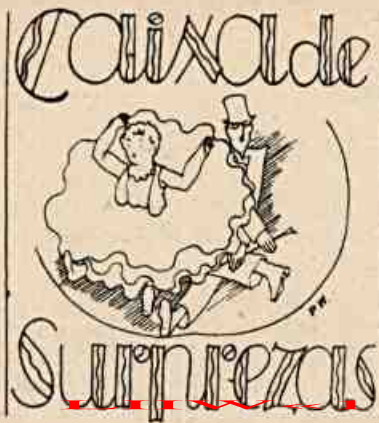
E ainda mais espantada ficou ao ver qu etoda tarde elle ia tomar o aperitivo com seus amigos e fumava grandes charutos.

Por ter achado quinze contos, apropriando-se indebitamente delles, Feliciano julgou necessario, para não se tornar suspeito, atirar o dinheiro pela janella, ao ponto de se encontrar agora sem um tostão, e desacreditado.

RODOLPHO BRINGER

EDADE DOS PEIXES — O allemão Hoffaner foi quem primeiro teve a engenhosa idéa de determinar a edade dos peixes pelas escamas. E, com effeito: demonstrou que as escamas das carpas apresentam linhas concentricas, cujo numero e distancia relativa estão em relação com o crescimento dos referidos peixes.

A vida das carpas divide-se em dois periodos annuaes: um periodo de estio ou "de vida activa" e outro de inverno ou de "vida retardada".

O periodo de estio comprehende a primavera, o estio propriamente dito e o começo do outomno; o de inverno, o tempo restante. Durante o primeiro periodo, a temperatura elevada da agua é favoravel e as carpas nutrem-se abundantemente. Ao contrario, o inverno

coincide com uma detenção de todas as funcções vitaes. Quer dizer: as carpas crescem no estio: o que conta de vida são os estios successivos, não os invernos.

Possuem, tambem, zonas caracteristicas de estio e de inverno.

UM TITULO SENSACIONAL — Conta-se que, no mez de fevereiro de 1848, espalhara-se o rumor de que Lamartine tinha sido assassinado.

Alexandre Dumas, seu intimo amigo, deixando, então, o fusil pela penna, escreveu no seu magistral estylo fulminante artigo contra tão absurda *gaffe* revolucionaria.

E foi com verdadeiro estupor que a população de Paris ouviu os garotos apregoar; alto e bom tom: *O assassinio do sr. de Lamartine pelo sr. Alexandre Dumas!*

ANECDOTARIO — Franqueza:

— E teu irmão, que faz?

— E' poeta.

— Escreve para onde?

— Para a cesta de diversas revistas.

O QUERIDO ASTRO INFANTIL DA METRO-GOLDWYN-MAYER

(*Conclusão*)

* * *

cer nas primeiras scenas, seu professor lhe dá as lições nos intervallos da producção.

A's doze horas, a companhia pára seus trabalhos para almoçar. Quando é necessario fazer uma viagem para alguma scena da pellicula, Jackie se encanta com essa perspectiva, pois seu divertimento favorito é preparar a caixa do almoço. Quando come no restaurante dos studios, quasi sempre ordena um pequeno sandwich de carne, já baptizado com o nome de *á la Jackie Cooper*.

Depois do almoço, dá um passeio pelas redondezas dos studios e se põe a cortar a herva. Si ha alguma brincadeira que faz parte da producção, Jackie se entretem com a mesma até a hora de começar novamente o trabalho.

Durante a tarde, tem algumas horas de recreio, emquanto são mudadas as decorações do scenario. Sempre desfructa pelo menos de duas horas de descanso por dia. A's cinco em ponto, dão por terminado o trabalho e os artistas passam á sala de projecção, onde lhes mostram as scenas filmadas no dia antecedente. Jackie é um critico muito severo de seu proprio trabalho e geralmente acha "terrivel" sua interpretação na téla.

Ao voltar para casa, a primeira coisa que faz o minusculo actor é tirar a roupa com que estava caracterizado e metter-se na banheira. Depois dum banho tepido, põe o roupão e as chinellas e desce para o jantar.

Quando acaba de comer, sua mãe o faz descansar entretendo-se em jogar damas ou cantando emquanto ella o acompanha no piano. Passada uma hora, começa a estudar suas scenas para o dia seguinte. Sua mãe faz as vezes de ponto ou interpreta a outra parte do dialogo, para que Jackie o aprenda bem.

A's oito horas, Jackie está na cama; e, depois de ouvir algumas historias que sua mãe lê, apagam-se as luzes no lar dos Cooper, terminando assim um outro dia para um dos meninos mais occupados e felizes de Hollywood.

A VOLTA

Em silencioso recanto cearense vivia a pôbre velhinha com um unico filho, o ultimo ente querido que lhe restava, a felicidade e o idolo supremo de toda a sua vida.

Viuva desde a mocidade, dedicára todo affecto e carinho ao pequeno e loiro ser que lhe alegrava os dias amargurados de saudade...

Na paz do sertão, nada lhes viéra perturbar a serenidade da vida rustica e simples que levavam; e á noite, no silencio que cercava a triste mansão, emquanto na pequena cama o filhinho sonhava com os anjos do céu, ella orava, chorando, pela alma do bom esposo que perdêra, para não ver mais, nunca mais.

Os tempos se passaram; e um dia chegou, em que o filho, já rapaz, mostrou desejos de estudar; trabalharia e, com o dinheiro ganho, junto ao pouco que lhe deixára o pae, havia de vencer na vida. Eram pôbres, dizia elle, mas iria para a cidade, e depois de alguns annos, ao voltar, á sua mãezinha o abraçaria, cheia de saudade e carinho, toda orgulho e amôr...

Era forte como o pinheiro nascido nas selvas, altaneiro, esperançoso como o verde de suas folhas, emanando o perfume de força e vigor.

A principio, a ansia tudo fez para mudar-lhe a idéa da separação; mas, apesar do muito que lhe queria, elle não poude renunciar ao sonho primeiro que tivéra na vida: — partir, levar o coração embalado da esperança e saudade, para a cidade desconhecida e maravilhosa que era o Rio de Janeiro.

A mãe, porém, com os olhos lacrimosos, abraçando o rapaz, dizia-lhe que não a deixasse só; estava velha, fatigada da vida e, quem sabe si, ao voltar a casa, elle nada mais encontraria, sinão a sombra fugidia das saudades?...

— Não, mãezinha! Por que pensar assim? Hei de voltar, talvez mais cedo do que julgas, e depois vamos viver numa casa pequenina, toda branca, cercada de flôres, plantadas por ti... Eu te escreverei sempre, sempre, contando-te tudo o que na minha vida se passar, por lá...

E um dia veiu, tristonho, em que duas figuras se abraçavam, silenciosas: era a velhinha e o filho: elle se ia embora... Dos olhos della, as lagrimas não cahiam mais; e, nos labios resequidos, um pallido sorriso pairava, consolador. Pallida, tremula, olhava o joven que, falando commovido, afugentava para muito longe as sombras tristes das primeiras incertezas, que vinham chegando com a amargura sem fim do ultimo adeus...

* * *

Os tempos se passaram. Agora, lá longe, vive, na pequena casa, triste, povoada de recordações, uma anciã doente e só.

Depois que o filho idolatrado se

(*Continúa na pag. seguinte*)

fóra, para tão longe, ella julgára morrer de dôr! Como poderia passar sem o seu carinho, que éra a unica felicidade que lhe restava?

Mas a razão venceu, mais uma vez, o sentimento, e pensando bem, viu que tudo aquillo éra para a felicidade delle, de seu Jorge, sempre tão bom, terno!

Depois de algumas semanas, a primeira noticia chegou. Que alegria! Lá fóra, no jardim banhado de sol, os passarinhos saltitantes cantavam. A primavéra ia chegar. Foram apparecendo as primeiras flôres pequeninas...

Recebeu a primeira carta, que trazia, minuciosamente, as noticias do que se lhe deparára, ao chegar á cidade; contava-lhe tudo: installára-se numa simples pensão de estudantes que, como elle, não poderiam pagar muito; trabalhava, durante o dia, e á noite estudava, sempre e muito, com verdadeiro ardor...

A principio, estonteára-se ante tudo o que vira; oh! nunca pensára que o Rio fosse assim! As praias, principalmente, encantaram-no. E á noite, a illuminação, os repuxos nos jardins floridos, beijados pelo luar.

Mas que saudade, tambem, tudo isto despertára, da sua terra natal!...

Lá longe, talvez estivesse a mãezinha, pensando nelle, áquella mesma hora da noite silenciosa, em que elle tambem queria meditar.

A velhinha sentiu-se feliz. O tempo haveria de passar depressa, trazendo-lhe á vida, novamente, a luz que lhe fugira.

* * *

Passou-se um anno. Dois, três se foram.

Num pequeno quarto de rapaz, sóbriamente elegante, um joven se prepara, apressado, para sahir. Era uma noite de dezembro, enluarada. A' rua, no portão de casa, uma "limousine" o esperava; os collégas o levam, então, para um jantar intimo, em Copacabana, afim de commemorar o anniversario de um delles. E Jorge vae. Voltam tarde, cansados, sem animo para despertar no dia seguinte, pela manhã cedinho, quando o sol apparecer...

Passou-se o Natal; e ella, sozinha, viu correr essa noite a todos festiva. Não tivéra o beijo carinhoso do filho, como quando pequenino. Que se teria passado no coração do joven? Seria possivel que a tivesse esquecido? Oh, não! Talvez se achasse doente! E a essa lembrança, o coração pulsava-lhe, fatigante, no peito angustiado.

Os dias se foram passando, sem-

A VOLTA

(Continuação)

pre, no mesmo silencio. Na casa pobre, velhinha, abandonada, vivia ainda o espectro doloroso de um sonho morto, encoberto pelo manto merencoreo de uma saudade...

* * *

Mais um anno decorre, vagaroso.

Na cidade maravilhosa, fantasista, a vida se passa na mesma.

Na elegante praia de Copacabana, num "bungalow" roseo, cercado de trepadeiras floridas, um joven advogado anda a largos passos, de um a outro canto do jardim, desesperadamente. Os olhos negros, profundos, vagam, pesquizando tudo; torce as mãos, angustiado, esperando a todo instante um vulto branco e harmonioso, que, pela manhã, em casa deixára, tudo embellezando com sua graça de mulher.

Jorge casára-se, havia mezes apenas, com uma joven que conhecêra num baile; rica, instruida, era o anjo loiro da sua existencia, toda

esperança de um futuro só de felicidades e venturas infindas.

Os primeiros dias se passaram, admiraveis; mas eis que, naquella tarde, ao regressar do escriptorio, um simples bilhete, numa letra que mão trêmula traçára, dizia-lhe que esquecesse, para sempre, o sonho ephêmero dos dias passados. Ella não supportaria, nunca, viver algemada pelas correntes fracas do ciume... Elle era ciumento demais, e, ella voluntariosa, acostumada a agir sempre sem nada consultar. De que lhes valeria uma existencia assim? Antes a separação; ella voltaria para casa dos paes, que promptos estavam a recebêl-a, com o arrependimento, aliás irremediavel, de um casamento desigual. E era tudo. Ao chão, cahido, um lencinho azul que ella deixára ficar sem ver. Um perfume, seu predilecto, ainda pairava no "boudoir" rosa, florido de violetas... Mas, até o fim do dia, ainda uma esperança tenue o ajudava a esperál-a.

Havia de vir, sim. Não seria, apenas, aquillo, um sonho máu!

A noite chegou, magnifica, com todo o céu coberto de estrellas. Sahiu, então, como um louco, pela praia quasi deserta áquella hora; a casa ficou só, com a sua saudade...

Durante toda a noite caminhou, sempre falando, com um sinistro riso ao canto dos lábios descorados. Depois, fatigado, chorou as primeiras lagrimas que vertêra na vida. Só chorára assim quando vira o pae morto, cahido ao chão. Chorára de medo, pois, pequenino que era, não comprehendêra aquelle quadro doloroso!...

Depois, as lagrimas seccaram-lhe, e uma figura pallida, trêmula, curvada, se interpoz ante elle: trôpego, Jorge caminhou alguns passos vacillantes, incertos, estendendo os braços áquelle espectro que a sua dôr creara; mas tudo desappareceu. Esfregou os olhos humidos e disse um nome baixinho, o nome santo que, desde pequenino aprendêra a dizer. Oh! como soffria! Só agora, naquelle memento doloroso, se lembrára da mãezinha querida... Onde estaria ella então? Oh! a vida enganadora das grandes cidades, como é differente da outra, socegada e deliciosa, dos encantos do Ceará!...

Mais calmo, mas pungido de acerba dôr, caminhou mais umas horas, tomou o rumo que o levaria á sua terra, e deixou para sempre a vida que lhe amargurára os dias de toda a sua vida de joven sonhador...

Felicidade... Onde andaria ella, por esses instantes? Sim, talvez ao seu encontro fosse agora. Quem sabe se havia ainda no mundo

coração que o esperava? Dizem que as mães não esquecem nunca um filho, mesmo quando elle morre, sepultado, ficando para o além... E a sua, tão bôa, tão carinhosa, não haveria de o ter esquecido; perdoal-o-ia, quando o visse chegar, com o coração cheio de amargura e de saudade...

* * *

Era uma linda manhã doirada pelo sol, quando Jorge chegou á pequenina estação. Caminhou apressado, um pouco tonto, como que fatigado ao despertar de um pesadelo, olhando, admirado, para tudo.

Como pudéra viver tanto tempo assim, longe daquelles mattagaes perfumosos?

De subito, parou: uma casinha toda branca, cercada de rosas em flôr, lhe appareceu, como um quadro esquecido e que elle mesmo esboçara... Então, vieram-lhe á mente as palavras que dissera á mãe, um dia: "Quando eu voltar, mãezinha, vamos viver numa casa pequenina, cercada de flôres plantadas por ti".

Sim; as flôres ali estavam, criadas, com carinho, pela mão trémula da anciã...

Da casa pequena, bem cuidada, uma criança sahia, descalça, pela mão da mãe. Esta olhou para Jorge, surprehendida; elle continuava immovel; uma lagrima deslisou pela face pallida. Curvou a cabeça e falou, então, á moça que o olhava, si não sabia nenhuma noticia de uma velhinha que morava ali. — "Ah! sim, — disse ella; — agora mesmo ia ao cemiterio levar-lhe estas flôres".

E mostrou-lhe um ramo de rosas! Coitada! Faz hoje mais um anno que ella morreu... Por uma tarde triste, ao crepusculo, quando as cigarras soltavam na matta o ultimo lamento, a anciã cahira, á porta de casa, desfallecida, pallida, transfigurada! Pobre velhinha! Não pudéra mais supportar a dor cruel de uma separação assim...

Mãos piedosas de roceiros vizinhos levaram-na para dentro da velha morada. Ao dia seguinte, peorára, e á noite, quando uma fina chuva começava a cahir, a pobre mãe exhalou o ultimo suspiro, balbuciando o nome adorado do filho que se fôra.

Jorge olhou-a dolorosamente. Seria possivel? Pobre mãe!

Achou-se pequenino, mesquinho mesmo, ante o procedimento que tivéra: as promessas feitas, os castellos floridos de sonhos, a mãezinha que lá longe ficára a chorar por elle, tudo emfim, por uma

A VOLTA

(Conclusão)

loucura commum da mocidade. O sonho passou, mas o despertar foi cruel; tanto que não se sentia mais com coragem para cerrar os olhos de novo, e continuar sonhando...

Seguiu, vacillante, os passos da senhora modesta, que o precedia. E recordou-se, assim, olhando o menino loiro que ella levava pela mão, dos tempos seus de meninice, quando ia com sua mãe visitar a campa do pae, por quem todos os dias rezava, ao deitar.

Oh! como tudo isso já ia longe!

Chegaram, emfim, á porta do pequeno campo das saudades mortas...

Num pedaço de terra, apenas, com uma cruz de pedra, jaziam os restos mortaes do ente querido que se fôra, para todo o sempre...

A moça ajoelhou-se, benzeu-se, orou em silencio, depondo, com ternura, as flôres perfumosas aos pés da cruz... Nisto, ouviu um soluço atraz della; olhou, e vendo Jorge, com o rosto coberto pelas mãos, onde as lagrimas cahiam, abundantes, retirou-se, silenciosa.

Elle ficou só. O vento levantava, aqui e ali, as folhas mortas, esparsas pelo chão...

Ajoelhado, beijou, carinhoso, os braços denegridos da pequena cruz.

Chamava pela mãe, qual uma criança abandonada na estrada da vida... Como se sentia desgraçado! Vinte e cinco annos apenas, e já com todos os sonhos em ruinas... Que lhe restava, agora?

Começava a cahir a tarde, e, com o crepusculo melancolico e frio, mais se amargurou a alma enfraquecida do mancebo.

Voltou, sim, pensava elle, mas tão tarde já, que não mais tivéra a recebel-o os braços ternos da velhinha que o adorava acima de tudo, na terra.

Balbuciou, baixinho, a *Ave Maria* que ella lhe ensinou quando pequenino.

Sentiu uma dôr aguda, profundamente, abalar-lhe o coração; uma fraqueza lhe tirava todo o animo para continuar o caminho da existencia. Faltava-lhe tudo: a luz cambiante de uns olhos azues e a paz suave de uma brancura de neve... A esposa perdida para sempre, e a mãe sepultada com as saudades que ficaram. Levantando-se, cambaleante, voltou-se, para traz mais uma vez, e comsigo levou a imagem branca de uma cruz, coroada de rosas...

No dia seguinte, uns roceiros que passavam encontraram-no morto, á porta da casa que fôra sua.

Morrêra, com elle, toda a alegria de uma vida, e a suprema consolação de um passado feliz.

* * *

A volta... tão triste, povoada de recordações mortas...

No pequeno torrão natal, todos os annos, no jardim as flôres se ergueram perfumosas e bellas. E a casa, toda branca, onde as pombas pousavam, pela manhã, ruflando as azas de plumas leves, continuava sempre rodeada de calma e silencio; mãos carinhosas depositavam sempre as petalas frescas de rosas brancas, assetinadas, pequeninas...

Duas vidas... dois corações unidos na mesma dôr de uma saudade, rendilhados de sonhos azúes e encobertos pelas ruinas ennegrecidas das desillusões.

A volta...

Elle voltára, sim, trazendo comsigo um pouco de saudade que levára, e guardando, para sempre, o muito da tristeza que deixou...

Marisa

AMAVA-O. Bizota amava Gelino com todas as veras da alma. Vivia para elle em espirito, em coração. Era uma especie de intoxicação pelo amor que, a pequenos intervallos, a ia enfraquecendo physica e moralmente.

Dormia? Estava sonhando com o dono, o senhor absoluto do seu pensamento. E procurava na manhã seguinte a oniromante afim de lhe adivinhar e explicar as idéas que lhe passaram no espirito, nas quaes figurava sempre a imagem do seu eleito.

Explicado o sonho, ficava mais tranquilla, pois a analyse fundamental deste era sempre favoravel aos idéaes della.

Emtanto, com Gelino, possuidor de um pergaminho, as coisas se passavam de modo differente. Como fosse ella sobrinha de chefe politico de grande prestigio da localidade, ia alimentando aquella paixão por julgar mais tarde poder o tio da sua noiva encaminhal-o bem na politica do Estado natal.

Eram dois sonhadores: ella a pensar unicamente no seu grande affecto; elle a antever calculadamente o resultado do futuro enlace.

Uma vez tivéra a senhorinha este sonho esquisito: o noivo trazia ao collo a irmãzinha della, a quem amimava com muita ternura; em seguida, deixára a criancinha á margem de um regato e sahira a correr e desapparecera.

Certa amiguinha dissera-lhe haver outra oniromante mais conhecedora da arte tão do agrado dos antigos egypcios e dos gregos de antanho; arte que tambem gosava credito de Bizota.

Fôra á presença desta outra, por se lembrar que a primeira só lhe dizia coisas agradaveis, e contára-lhe o sonho.

A oniromante discorrêra sobre o assumpto, sem redundancias:

— A vossa irmãzita, no sonho, é a *demoiselle* propria. Quer isso dizer: a pequenina representa a ingenuidade, que é o papel representado por vós ante o vosso noivo. Tudo isso é muito symbolico. Acreditaes piamente nelle; elle, porém, não vos é sincero. *Demoiselle* viu, no sonho,

O TRAHIDOR

elle deixar a criancinha a margem de um regato e correr e desapparecer. Está certo. Quer isso dizer: daqui a alguns dias o vosso noivo ausentar-se-á desta cidade sem nada vos prevenir. Não vos dará nunca mais novas suas, e ficará assim desfeito o compromiso delle com *demoiselle*. E' a explicação que vos posso dar. Si não vos satisfizer, paciencia. Ha, emtanto, uma coisa agradavel no vosso sonho: as aguas de um regato são sempre plácidas; e isso vos será favoravel...

Porém, a consulente já lhe não dava muita attenção. E abria a bolsa para sacar de dentro uma carteira e desta retirar uma nota papel de cinco mil réis com a qual pagára a consulta.

— Permittis que vos leia o destino na linda e pequenina mão? Nada mais pagareis; e será um complemento ou talvez, a confirmação...

— Hoje, não! Ficará para outro dia. Muito obrigada.

Ao mesmo tempo que a consulente procurava calçar as luvas, durante um momento conseguira a consultora pegar-lhe na mão esquerda e correr os olhos sobre as linhas da palma desta, para rematar com estas palavras:

— Não vos incommodeis... Casareis com outro que vos amará de verdade, e sereis feliz.

NOSSO AMOR

Foi melhor nosso amôr não ter nascido,
como eu quiz, tú quizeste e Deus impoz;
não seria um amôr bem merecido,
si animasse o peccado de nós dois.

Não viveu, não morreu, não foi querido;
não foi victima nossa, e nem algoz;
quiz, apenas, nascer, no meu sentido,
não chegando a ser nada mais depois.

De Hormino Lyra

— Tanta surpresa ! Adeus !
— Adeuzinho, *demoiselle !*

A senhorinha sahira visivelmente contrariada de casa da oniromante mas, em absoluto, não lhe dava credito ás palavras.

Ao chegar em casa, contára tudo. *Aquillo* era uma estrangeira mentirosa, uma embusteira ! Cinco mil reis mal empregados !... Seu noivo era homem serio. Todos lhe gabavam o bello caracter. Pelo que lhe affirmára a mentirosa, não passava elle de um trahidor! Trahidor, Gelino? Nunca ! Mal sabia a impostora que já tinha ella o seu enxoval de noiva todo prompto ! Mal sabia que faltava só marcarem o dia do casamento.

* * *

O tio de Bizota perdêra todo o prestigio politico desde que entrára em luta com o chefe supremo do seu partido, por lhe discordar da opinião em determinado ponto de vista. O noivo da sobrinha perdera tambem toda a esperança de encaminhar na politica, bafejado pela influencia do futuro tio afim.

Perdida a esperança, continuára a tratar a noiva com o mesmo carinho de outrora, mas planeava uma viagem afim de romper o compromisso.

Não resta duvida : esse cidadão estaria predestinado a fazer brilhante carreira no officio de politico.

Certa vez, entrára a lavadeira da familia da senhorinha e encontrára-a muito contente.

— *Uê !* Sinhá Bizota está tão alegre quando devia estar triste !...

— Triste, por que ? !

E sorrira agradavelmente.

— Pois *seu* doutor Gelino não foi embora ?

— Não. Ainda hontem sahiu daqui muito satisfeito. Estás enganada !

— Como ? !

— O homem é outro !

— Não senhora !

— Vae amolar outra... sabes ?

— Pois sinhá Bizota não sabe que sou a lavadeira delle tambem ?

— Sei. E que tem isso ?

— Pois é: elle mandou avisar-me hontem que lhe levasse toda a roupa hontem mesmo, estivesse como estivesse, porque ia embarcar hoje cedo para o interior. Levei toda a roupa delle hontem de noite. *Seu* doutor pagou-me tudo e despediu-se de mim, dizendo que não sabia quando voltava...

Lembrára-se Bizota do sonho e da explicação dada pela oniromante... Chamára em seguida a mãe a quem a lavadeira redisséra o que affirmára á senhorinha.

Confirmada depois a noticia, teve Bizota um insulto de nervos com convulsões terriveis.

Sente-se presentemente, por fim de contas, assaz feliz, pois só desejaria desposar um homem sincero.

Já lhe não desagrada a trahição, mas detesta ainda o trahidor.

(*Do livro inédito "No Reino dos Corações"*)

Hoje, após tantos annos, que evolveram,
dois nossos corações, que não viveram,
poude, emfim, num crepusculo, sahir.

Viveu, entre nós dois, como um gigante :
quiz, querendo matal-o, a todo instante,
mas, sempre elle a viver, sempre a existir !

GIL DUARTE

O COLLEGIO DO DR. HUXTABLE

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação)

— O seu secretario?

— Não senhor, mas sim meu filho!

Tocava a Holmes a vez de se admirar.

— Confesso que ignorava isso, e peço-lhe que queira explicar-me tudo.

— Não lhe occultarei nada. Parece-me que por mais que eu possa soffrer, a franqueza é o melhor methodo de que devemos servir-nos na situação desesperada a que nos levou a loucura, e o ciume de James. Amei na minha mocidade, sr. Holmes, como só se ama uma vez na vida. Offereci á minha amante casar com ella; recusou, allegando que tal alliança podia estorvar-me na minha carreira.

"Se ella vivesse, com certeza não teria casado com outra, mas morreu deixando-me esta creança que amei e eduquei em memoria della. Tive que esconder a minha paternidade, por causa das convenções sociaes, mas dei a este filho a mais esmerada educação, e quando attingiu a sua maioridade, liguei-o á minha pessoa.

"Surprehendeu o meu segredo e desde então tem tirado todo o partido dos laços, que a mim o prendem, e da possibilidade de provocar um escandalo que me fosse odioso. A sua presença foi a causa dos meus desgostos domesticos. Ainda por cima de tudo detestava o meu filho legitimo desde que este nasceu.

"Vae perguntar-me talvez porque conservei eu, nestas condições, James em minha casa? Unicamente porque via nelle todas as feições de sua mãe, e que por ella estava disposto a supportar todas as dores.

"Os seus gestos, as suas attitudes recordavam-me a querida morta; era impossivel separar-me delle, mas de tal forma receei a sua hostilidade contra seu irmão, que resolvi afastar este e confial-o aos cuidados do dr. Huxtable.

"James travou relações com Hayes, que era um dos meus rendeiros, que elle conhecia, visto que era meu administrador. Hayes foi sempre um patife, o que não impediu James de se tornar seu intimo, porque sempre gostou de ter relações com gente ordinaria. Quando James tomou a resolução de raptar Lord Saltire, foi procurar o auxilio daquelle homem.

"O senhor lembra-se de que na vespera do seu desapparecimento elle recebera uma carta minha; James tinha aberto esta carta, e tinha-lhe incluido um bilhete pedindo ao irmão para vir com elle á matta de Ragged Shaw, perto do collegio.

"Serviu-se do nome da duqueza, e graças a esse estratagema, convenceu o pequeno. Nessa mesma noite, James partiu em bicycleta (foi o que elle me confessou), e declarou a Arthur, que encontrou no logar indicado, que sua mãe desejava immenso vel-o, que ella o esperava na charneca e que, se elle quizesse voltar á matta sendo meia noite, encontraria um homem encarregado de o guiar até lá.

"O pobre Arthur cahiu na cilada, e encontrou Hayes com um cavallo. Arthur montou, e partiram juntos. Ao que parece (só hontem James me disse isto), foram perseguidos, e Hayes deu uma paulada na pessoa que os perseguira, a qual cahiu morta. Hayes levou então Arthur para a estalagem do "Gallo Pimpão", e encerrou-o num quarto do primeiro andar, entregue aos cuidados de sua mulher, uma excellente pessoa, mas que obedece cegamente a seu marido.

"Tal era, sr. Holmes, o estado das coisas quando ha dois dias o vi. Eu, como o senhor, não sabia a verdade. Perguntar-me-á talvez que motivo levou James a praticar tal proeza? Não lhe posso responder senão que elle tinha um odio injustificavel ao meu herdeiro.

"Entendia que só elle devia herdar de mim, e enfurecia-se contra as leis da nossa terra que a isso se oppunham. Obedecia tambem a outra razão bem definida: a esperança de que um dia eu poderia revogar a lei, e elle então impoz-me as suas condições: entregar-me Arthur, se eu annuisse a deixar-lhe as minhas propriedades em testamento.

"Sabia muito bem que eu não quereria invocar contra elle o auxilio da policia. Não chegou a propor-me este contracto, porque se precipitaram os acontecimentos, e não teve tempo de me desenvolver os seus planos.

"O descobrimento do cadaver de Heidegger sobreveiu de repente. James ficou horrorizado com esta noticia. Tivemos conhecimento della hontem por um telegramma do dr. Huxtable. James que nessa occasião estava no meu escriptorio ficou tão afflicto e agitado que, corroborou desde logo as minhas suspeitas.

Não hesitei em o accusar do crime. Confessou tudo por completo, supplicando-me que guardasse segredo

por tres dias para dar ao seu miseravel cumplice tempo de salvar a vida. Cedi como sempre aos seus pedidos. Em seguida foi ao "Gallo Pimpão" afim de prevenir Hayes, e dar-lhe meios para a fuga. Era-me impossivel ir de dia á estalagem sem provocar commentarios, mas logo que se cerrou a noite, fui ver o meu querido Arthur. Achei-o bom e salvo, mas transtornado pelo horrivel drama de que fôra testemunha. Consenti contra vontade em deixal-o lá ainda tres dias sob a vigilancia de Mistress Hayes, porque era impossivel informar á policia do seu paradeiro sem denunciar o assassino, e eu não achava o meio daquelle assassino, ser preso sem o meu desgraçado James ficar perdido. O sr. Holmes pediu-me para ser franco, fiei-me na sua palavra, contei-lhe tudo sem omittir nada; é agora a sua vez de ser franco commigo.

— Sel-o-ei — disse Holmes — em primeiro logar, tenho a dizer-lhe que se acha numa situação muito delicada sob o ponto de vista penal. V. ex. fez-se cumplice dum delicto gravissimo e protegeu a evasão dum assassino, porque não posso duvidar que o dinheiro dado a Hayes por James Wilder provenha da sua bolsa?

O duque fez signal affirmativo.

— Isto é realmente muito grave, mas o que o torna ainda mais culpado, é o seu procedimento para com seu filho mais novo. Deixal-o tres dias naquelle covil!

— Sim, mas com promessas muito formaes...

— Que valor têm as promessas de tal gente? Quem lhe pode garantir que lh'o não roubem novamente? Para ser agradavel ao seu filho mais velho, que é criminoso, expõe o seu filho mais novo, que é innocente, a um perigo imminente e escusado. E' um acto injustificavel.

O orgulhoso senhor de Holdernesse não estava habituado a ser tratado assim sob o tecto de seus antepassados. O rubor subiu-lhe ao rosto, mas a consciencia emmudeceu-o.

— Ajudal-o-ei, continuou Sherlock, mas com uma unica condição, é que o senhor se limitará a chamar um dos seus creados, ao qual darei certas ordens que me pareçam uteis.

Sem uma palavra, o duque carregou no botão electrico, apparecendo logo um lacaio.

— Você decerto estimará saber, disse-lhe Sherlock, que se achou o seu joven amo; o senhor duque ordena-lhe que ponha a carruagem, que mande buscar o filho Lord Saltire á estalagem do "Gallo Pimpão", e que o traga aqui.

— Agora — proseguiu depois de ter sahido o creado — tendo assegurado o futuro, poderemos olhar com mais indulgencia para o passado. Não tenho titulo official e comtanto que a justiça continue com as suas diligencias, nada me obriga a contar o que sei. A respeito do estalajadeiro, nada tenho que dizer delle. Espera-o a forca, e eu nada farei para o salvar. O que elle contará, não sei, mas v. ex. saberá fazer-lhe comprehender que em seu proprio interesse deve calar-se. A policia acreditará que elle roubou o seu filho com o fim de ganhar o resgate, e eu não procurarei desilludil-a; previno-o comtudo que a presença do seu secretario nesta casa só pode causar desgraças.

— Comprehendo, sr. Sherlock, e já está combinado que se separe de mim para sempre, e vá tentar fortuna na Australia.

— Neste caso, visto o senhor duque ter-me dito que a presença do sr. James Wilder lhe havia creado uma melindrosa situação para com a senhora duqueza, atrevo-me a aconselhar a v. ex. que faça as pazes e trate de recomeçar com ella sua vida intima.

— Tambem já arranjei isso; escrevi esta manhã á duqueza.

— Então, disse Sherlock levantando-se, creio que o meu amigo e eu, não temos senão que nos felicitar por obter tão feliz resultado, graças á nossa visita ao norte. Estimaria entretanto esclarecer um outro ponto menor. O dono da estalagem tinha ferrado os seus cavallos com ferraduras de boi. Foi o sr. James que lhe ensinou aquelle engraçado expediente?

O duque reflectiu alguns instantes, a sua physionomia manifestou uma enorme surpresa, depois abriu uma porta, e mostrou-nos uma grande sala que parecia um museu.

Levou-nos ao pé de uma vitrine fazendo-nos ler a seguinte inscripção:

"Estas ferraduras foram achadas nas excavações dos fossos do palacio. São ferraduras de cavallos que deixam a marca dos cascos de bois, para produzir uma pista errada. Pertenceram sem duvida aos salteadores barões de Holdernesse da Edade Media".

Holmes abriu a vitrine, molhou o dedo, e passou-o pela ferradura. Uma ligeirissima camada de lama recente adheriu ao dedo.

— Obrigado, disse elle fechando a vitrine — Isto é a segunda descoberta que fiz no Norte.

— Qual foi a primeira?

Sherlock dobrou o seu cheque, e metteu-o com todo o cuidado na carteira.

— E' que sou um homem pobre — disse acariciando-o affectuosamente, e guardou-o bem no fundo da algibeira.

FIM

LAÇO DE UNIÃO

FANFRELUCHE

AMALIA — Não sei... Noto-te acabrunhada, triste... Agora que mais do que nunca devias estar contente... Um filho !...

E como o tem, que é lindissimo... Que mais queres... Tu sempre foste a eterna descontente, e a vida, que satisfaz em tudo ás maldizentes, te cummulou de graças... E estás assim, com cara de *anniversario necrologico* !...

Julieta — Queres que te fale franco ?

Amalia — Já sei !... Com certeza, apesar de nossa velha amizade eu desconheço completamente tua alma... Que sempre ha nas almas um recanto de sombra que só uma grande alegria, ou uma grande dôr, póde illuminar.

Julieta — Bem sabes com que ansiedade eu esperava o nascimento de meu filho... Parecia-me que, ao vêr elle, nada mais poderia fazer-me mal, porque suppuz sempre que a maternidade é, antes de tudo, serenidade, descanso... Nos primeiros dias, que prazer tão grande !... Que prazer contemplar essa coisa miúda, fragil, que desperta, que começa a viver, que é nossa, que nos absorve e nos inquieta até fazer-nos esquecer tudo do mundo !...

Amalia — Alguem já disse que as mães perdem a memoria com o primeiro filho e a recuperam com o ultimo. A principio, toda bôba com o menino, não notei nada, nada de menos achei... Depois, passada a emoção, a curiosidade desses primeiros dias, senti em torno de mim um vacuo enorme.

Amalia — Apesar do nenem !...

Julieta — Sim. Elle estava commigo... mas Alberto se afastava !... O marido se transformava em pae.

Amalia — Tu tambem te transformaste em mãe... Porventura tem isso alguma coisa de particular ?... Afastar-se !... Si é quando mais se nos unem !...

Julieta — E' o que dizem... mas não é verdade !... Antes, Alberto se approximava de mim com carinho, com paixão. Agora, o faz com respeito, com ternura... Deixei de ser, para elle, a mulher, a esposa... Agora sou a mãe de seu filho.

Amalia — Infinitamente mais querida, mais venerada...

Julieta (*tristemente*) — Sim, sim... Mas quão dolorosa é essa veneração... Sabe o que me parece ?... A satisfação do chimico que obteve uma nova combinação que lhe dará fama e olha com gratidão os vasos, os alambiques... Realizada a fórmula, estes passam a segundo logar. O essencial, o primeiro, é o *outro*.

Amalia — Filha, nunca me occorreu que Jayme me considerasse como um vaso ou um alambique. Eu creio que deliras um pouquinho, não ?... Isso não tem nada de estranho... Faz apenas tres mezes em teu novo papel e, está claro, tudo te assombra. Tenho certeza e te juraria pelo que ha de mais sagrado como Alberto te quer mais do que nunca e que isso que tu chamas desvio, afastamento, não é sinão delicadeza...

Julieta — Bem vês: quando elle volta do escriptorio, beija primeiro o pequeno, e depois a mim.

Amalia — Mas então vaes ter ciume de teu filho ?... Não comprehendes que, ao beijal-o, une os dois na mesma caricia ?

Julieta — E' inutil. Não me convences... Vejo-o, sinto-o, verifico-o a cada momento... Alberto não é o mesmo.

Amalia — Mas antes, sozinhos, podias temer qualquer coisa: uma traição, um abandono... Agora, não. O filho é o laço de união...

Julieta — Sim... E' um laço... mas que, ás vezes, enforca...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 115$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0577 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

ATKINSON

É a Perfumaria
da
Alta Sociedade

A serie de ouro das pessôas elegantes

ROYAL BRIAR — Loção

ROYAL BRIAR — Agua de Colonia

ROYAL BRIAR — Brilhantina

ROYAL BRIAR — Sabonete

ROYAL BRIAR — Pó de Arroz

ROYAL BRIAR — Bandolina

ROYAL BRIAR — Perfume

A' VENDA EM TODO O BRASIL